



UFMA–UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODÓ – CCCO
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS /
HISTÓRIA

FRANCISCO LEUDIMAR MEDEIROS SILVA

HISTÓRIA E CINEMA: O CINE TEATRO SÃO LUIZ EM CODÓ-MA (1950 A 1990)

CODÓ-MA

2023



UFMA–UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS VII – CODÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS / HISTÓRIA

FRANCISCO LEUDIMAR MEDEIROS SILVA

HISTÓRIA E CINEMA: O CINE TEATRO SÃO LUIZ EM CODÓ-MA (1950 A 1990)

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas, da Universidade Federal do Maranhão, campos de Codó, como requisito para a obtenção do grau de licenciado em Ciências Humanas/História.

Orientadora: Prof. Dr. Jonas Rodrigues Moraes

CODÓ-MA

2023

UFMA–UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

MEDEIROS, FRANCISCO.

HISTÓRIA E CINEMA: O CINE TEATRO SÃO LUIZ EM CODÓ-MA
1950 A 1990 : HISTÓRIA E CINEMA: O CINE TEATRO SÃO LUIZ EM
CODÓ-MA 1950 A 1990 / FRANCISCO MEDEIROS. - 2023.

70 f.

Coorientador(a): CINTHIA SANTOS.

Orientador(a): JONAS RODRIGUES.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
História, Universidade Federal do Maranhão, CODÓ, 2023.

1. CINEMA. 2. CINE SÃO LUIZ. 3. CODÓ-MA. 4.
MEMORIAS E SOCIEDADE. I. RODRIGUES, JONAS. II. SANTOS,
CINTHIA. III. Título.

HISTÓRIA E CINEMA: O CINE TEATRO SÃO LUIZ EM CODÓ-MA (1950 A 1990)

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas, da Universidade Federal do Maranhão, Campos de Codó, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientadora: Prof. Dr. Jonas Rodrigues Moraes

Aprovada em 23 / 11 / 23

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Jonas Rodrigues de Moraes (Orientador / UFMA-Codó)

Prof^a. Ma. Cinthia dos Santos Moreira (Co-Orientadora / UFMA-Codó)

Prof. Dr. Antônio Alexandre Isidio Cardoso (UFMA-Codó)

Prof^a. Ma. Leide Ana Oliveira Caldas (IFMA - Barreirinhas)

Dedico este trabalho primeiramente assim como tudo em minha vida a Deus; em seguido a minha minha família em particular mãe Maria do Socorro, aos professoras de todas as minhas fases como discente, em especial ao meu orientador Prof. Dr. Jonas Rodrigues de Moraes.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é o resultado de um longo e desafiador processo de aprendizado e pesquisa, que não seria possível sem a colaboração e o apoio de muitas pessoas. Por isso, quero expressar minha sincera gratidão a todos que contribuíram, de alguma forma, para a realização deste projeto.

Primeiramente quero agradeço a Deus, pela oportunidade de viver essa etapa tão importante da minha vida, pela saúde e pela força para superar os obstáculos.

Aos meus pais, irmãos e demais familiares, em especial a minha mãe Maria do Socorro Gomes Medeiros Silva pelo amor, incentivo e compreensão nos momentos e de dificuldade. Vocês são a minha maior motivação.

Ao meu amigo/irmão Fernando Sousa dos Santos, que teve a ideia de me matricular de curso e conseguindo faltando apenas meia horapara encerrar as inscrições. Fazendo com que eu realizar se um sonho, que nem mesmo eu sabia que tinha, obrigado.

Aos meus amigos de trabalho e irmãos na amizade Raimundo Nonato Samapio Costa e Mauro Stenis Novaes Teixeira por sempre me socorrerem na parte da informática, quando meu antigo notebook dava defeito, e precisava dele para fazer minhas atividades acadêmicas, e o Francisco Ferreira do Nascimento Neto, por todo o apoio e motivação e ajuda na conclusão desse trabalho.

A minha amiga de trabalho e de curso, Dcinha da Silva Lima Silva e Francisca Cristina Rego Sousa, por terem me ajudado com todos os estagios, o qual sem elas teria sido difícil sequer ter começados.

Ao meu antigo e chefe de trabalho Junior Cruz Cruz. Por ter sido compreensivo comigo nos momentos em que precisei me ausentar do trabalho por conta das obrigações do curso, obrigado.

Ao meu amigo Napoleão Mendes Bastista Silva, por sempre me ajudar quando precisei com material de pesquisa para a conclusão desse trabalho.

Aos entrevistados Maria Judith Dias Salazar, Francisco das Chagas Moraes, José Francisco Buzar e a senhora Luiza Dalhy Oliveira, por terem disponibilizado seu tempo para me ceder informações, lembranças e relatos que foi bastante importante para a formação desta monografia.

Agradeço ao meu orientador, Professor Dr. Jonas Rodrigues de Moraes e minha coorientadora Cinthia dos Santos Moreira, por não ter desistido de mim e pela

confiança, paciência e dedicação com que me acompanharam durante todo o desenvolvimento do trabalho. Sua orientação foi fundamental para a qualidade e a relevância do resultado final.

Agradeço também aos demais professores do curso, que compartilharam seus conhecimentos e experiências comigo ao longo da graduação, foram para mim como janelas por qual pude enxergar o mundo de uma outra maneira, mais crítica e libertadora, enriquecendo minha formação acadêmica e profissional, serei eternamente grato.

O por último mais não menos importante os meus colegas de turma, pelo companheirismo, pela troca de ideias e pela ajuda mútua em diversos momentos da jornada universitária, o que acabou fazendo com que tornássemos uma família.

“Nós vamos ao cinema para nos divertir, mas se o que restar após assistir ao filme for uma espécie de nova perspectiva em relação a algumas questões sociais, então ele pode ser uma obra de arte realmente poderosa.”

Jordan Peele

Resumo

A presente monografia tem como objetivo central analisar a História do Cine Teatro São Luiz em Codó-MA entre os anos 1950 a 1990 a partir da relação História e Cinema. O Cine Teatro São Luiz, Maranhão, foi um importante local de entretenimento e cultura na cidade ao longo dessas décadas citadas. Durante esse período, o cinema era uma das principais formas de lazer e diversão para a população local, fundamentalmente esse espaço cultural exercia um papel central na formação educacional das/os cidadãs e cidadãos codoenses. Sabemos da existência do Cine Teatro São Luiz desde os primeiros anos de 1950, ele rapidamente se tornou um ponto de encontro popular para os moradores de Codó. Com capacidade significativa de público, o cinema exibia uma variedade de filmes, incluindo produções nacionais e internacionais. Os moradores podiam assistir a filmes de diferentes gêneros, como dramas, comédias, aventuras e musicais. Destaque para os filmes nacionais: as produções da Companhia Cinematográfica Vera Cruz que se tornou um importante estúdio cinematográfico brasileiro. Ela exerceu também o papel de distribuidora de filmes entre os anos de 1949 a 1954. Vale salientar que as películas exibidas na tela do cine teatro tinha Oscarito (1906-1970), importante ator naturalizado brasileiro, que contracenava com atores nacionais, um deles era Grande Otelo (1915-1993). Na pesquisa procuramos abordar a relação História e Cinema no Brasil – O cinema mundial e a relação com a história, o cinema como uma construção importante para a escrita da história, a *Escola dos Annales* (1929): o cinema como nova forma de registro historiográfico; A emersão e o fazer cinematográfico no Estado do Maranhão – os precursores do cinema na “Terra das Palmeiras”, o fazer cinematográfico no referido estado, “Maranhão 66”: impactos no cinema maranhense; Descortinar sobre a cidade de Codó entre as décadas de 1950 a 1990 e as exibições de filmes nos cine Teatro São Luiz – para isso foi necessário conhecer historicamente o município de Codó nas referida décadas, as exibições de filmes no cines Teatro São Luiz bem como buscar saber quem eram os cinéfilos codoenses. Essas averiguações ocorreram por meio da metodologia da História oral. Nesse sentido coletamos entrevistas com seis pessoas que frequentavam o cinema de Codó. Enfim, esse trabalho monográfico está amparado teórico e metodologicamente nos seguinte autores: Chartier (2002), Davson (2017), Ferro (1992), Machado (1999), Matos (2017), Pinheiro; et alia (2008), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Memórias e sociabilidades, Cinema, Cine São Luiz, Codó-MA

ABSTRACT

The present monograph has as main objective to analyze the History of Cine Teatro São Luiz in Codó-ma between the years 1950 to 1990 from the relationship between History and Cinema. The Cine Teatro São Luiz, Maranhão, was an important place of entertainment and culture in the city throughout the aforementioned decades. During this period, the cinema was one of the main forms of leisure and entertainment for the local population, fundamentally this cultural space played a central role in the educational formation of the citizens of Codo. We know of the existence of Cine Teatro São Luiz since the early 1950s, it quickly became a popular meeting place for the residents of Codó. With significant audience capacity, the cinema showed a variety of films, including national and international productions. Residents could watch movies of different genres such as dramas, comedies, adventures and musicals. Highlight for national films: the productions of Companhia Cinematográfica Vera Cruz, which became an important Brazilian film studio. She also played the role of film distributor between 1949 and 1954. It is worth noting that the films shown on the screen of the cine theater had Oscarito (1906-1970), an important naturalized Brazilian actor, who acted with national actors, one of them was Great Othello (1915-1993). In the research, we tried to approach the relationship between History and Cinema in Brazil – World cinema and the relationship with history, cinema as an important construction for the writing of history, the School of Annales (1929): cinema as a new form of historiographical record ; Emersion and filmmaking in the State of Maranhão – the precursors of cinema in “Terra das Palmeiras”, filmmaking in that state, “Maranhão 66”: impacts on Maranhão cinema; Discovering the city of Codó between the 1950s and 1990s and the film screenings at Teatro São Luiz cinemas – for this it was necessary to know the city of Codó historically in those decades, film screenings at Teatro São Luiz cinemas, as well as searching for to know who were the cinephiles of Codo. These investigations took place through the methodology of oral history. In this sense, we collected interviews with six people who frequented the cinema in Codó- MA. Finally, this monographic work is theoretically and methodologically supported by the following authors: Chartier (2002), Davson (2017), Ferro (1992), Machado (1999), Matos (2017), Pinheiro; et al. (2008), among others.

KEYWORDS: Cinema, History, Memories and Socioeconomic.

LISTADEIMAGENS

Imagem 01: Teatro de marionete chinês	15
Imagem 02: Leonardo Da Vinci Câmara Escura	16
Imagem 03 : A Lanterna Mágica inventada por Athanasius Kirchner	17
Imagem 04: O Fenacistoscopio criado por Joseph-Antoine Plateau	18
Imagem 05: o Praxinoscópio construído por Charles Émile Reynaud	19
Imagem 06: O Fuzil Fotográfico criado por Étienne-Jules Marey	19
Imagem 07: Cinetoscopio criado por Thomas Edison	20
Imagem 08: Cinematografo criado pelos irmãos Lumière	21
Imagem 09: Teatro Arthur Azevedo	28
Imagem 10: Bioscópio Inglês	33
Imagem 11: Cineasta Glauber Rocha	36
Imagem 12: José Sarney da UDN/ARENA, em sua cerimônia da posse	13
Imagem 13: Cruzeiro na Praça Governador Archer	44
Imagem 14: Cine Teatro São Luiz	46
Imagem 15: Fotografia Cine Olinda	48
Imagem 16: Fotografia Ruínas do Cine Teatro São Luiz	

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
CAPITULO I	
HISTÓRIA E CINEMA NO BRASIL: OBJETO DE ESTUDO PARA ESCRITA HISTORIOGRÁFICA	15
1.1 O CINEMA MUNDIAL E A RELAÇÃO COM A HISTÓRIA, A HISTÓRIA DAS IMAGENS EM MOVIMENTOS	15
1.2 O CINEMA COMO UMA CONSTRUÇÃO IMPORTANTE PARA A ESCRITA DA HISTÓRIA: ANÁLISES DE DUAS PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS	21
1.3. <i>ESCOLA DOS ANNALES</i> (1929): A INCLUSÃO DE NOVA FORMA DE REGISTRO HISTORIOGRÁFICO COMO A HISTÓRIA ORAL E AS ARTES	24
CAPITULO II	
A EMERSÃO E O FAZER CINEMATOGRAFICO NO ESTADO DO MARANHÃO	29
2.1 OS PRECURSORES DO CINEMA NO MARANHÃO	29
2.2 FAZER CINEMATOGRAFICO NAS TERRAS DAS PALMEIRAS	32
2.3 “MARANHÃO 66”: IMPACTOS NO CINEMA MARANHENSE	35
CAPITULO III	
A CIDADE DE CODÓ ENTRE AS DÉCADAS DE 1950 A 1990 E AS EXIBIÇÕES DE FILMES NO CINE TEATRO SÃO LUIZ	41
3.1 TOMADA 1: CODÓ NAS DECADAS DE 1950 A DECADA DE 1990	41
3.2 TOMADA 2: AS EXIBIÇÕES DE FILMES NO CINE TEATRO SÃO LUIZ	50
3.3 TOMADA 3: OS PERSONAGENS ENTRAM EM AÇÃO: CINEFILOS CODOENSES	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
BIBLIOGRAFIAS E FONTES ORAIS	61
ANEXO	64

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho monográfico tem a premissa de analisar a História da casa de cinema Cine Teatro São Luiz na cidade de Codó no Estado do Maranhão, procurando demonstrar a importância que o cinema teve no contexto sociocultural dos codoenses, desde a década de 1950 até a década de 1990.

Esta pesquisa se propõe a falar da importância que o cinema Cine Teatro São Luiz teve no processo de sociabilização dos codoenses, desde a década de 1950 até a década dos anos de 1990 do século XX, que será o recorte temporal, em Codó.

Cine Teatro São Luiz, em funcionamento nas décadas citadas, localizados na Praça Governador Archer, mais conhecida pela população como Praça da Liberdade, um local a mais de lazer, virou ainda mais um ponto de encontro na cidade, onde codoenses se reuniam antes das sessões e ficavam conversando, enquanto esperavam ansiosamente o filme começar.

Falar do cinema Cine Teatro São Luiz, não é tão fácil, automaticamente nos faz levantar em algumas perguntas como: Por que foi implantado justamente na Praça da Liberdade na Cidade Baixa, já que Codó era dividida em duas, Cidade Alta e Cidade Baixa? Se havia diferença entre o público que o frequentava? Qual a importância que ele teve para a sociabilidade da cidade? E por que fechou? A resposta para essas perguntas trará um entendimento a respeito dessas questões pouco abordadas pela população codoense.

Toda pesquisa acadêmica exige fontes e metodologias. E para alcançar isso, busquei fontes e metodologias que me ajudaram a atingir mais sobre o tema abordado, usei os seguintes procedimentos metodológicos como: pesquisas bibliográficas, jornais da época, artigos da internet e artigos impressos e também foi utilizado a metodologia da história oral, por tratar-se de uma fonte de pesquisa em que relata sobre muito que não está nos livros.

A pesquisa usará da relação entre História e Cinema que é um tema fascinante e complexo, que envolve diferentes aspectos e perspectivas. O cinema pode ser visto como meio de comunicação e de representação da realidade ao mesmo tempo, pode ser considerado como um agente, uma fonte e uma representação da história, também pode expressar uma visão particular ou coletiva sobre a história, que pode ser mais ou menos fiel aos fatos ou mais ou menos crítica aos discursos oficiais como exemplo.

Nesse sentido, esse trabalho monográfico se propõe a investigar a história dos Cine Teatro São Luiz em Codó-MA, um espaço cultural que marcou a vida social e artística da cidade nas décadas de 1950 a 1990.

E para chegarmos até a história dessa cinema Cine São Luiz, com era popularmente conhecido, esta pesquisa foi dividida em três capítulos que remonta desde a criação do cinema até seu impacto com a casa de cinema codoense Cine São Luiz.

No primeiro capítulo, Intitulado “HISTÓRIA E CINEMA NO BRASIL: OBJETO DE ESTUDO PARA ESCRITA HISTORIOGRÁFICA” que remonta desde os primórdios do cinema, até sua acessão global, descreve o cinema como uma forma de arte que pode representar e interpretar a história de diferentes maneiras. Neste capítulo, vamos discutir como a história e o cinema se relacionam e quais são os desafios e as possibilidades para a escrita historiográfica a partir dessa relação.

Já no segundo capítulo, “A EMERSÃO E O FAZER CINEMATOGRAFICO NO ESTADO DO MARANHÃO” iremos abordar como o cinema chegou ao Maranhão em 1898, três anos depois da primeira exibição dos irmãos Lumière em Paris. O cinema ambulante maranhense nos primeiros anos do século XX, a influência do italiano José Fillipi responsável por trazer o cinematógrafo para São Luís, que além de mostrar filmes estrangeiros, também produziu o primeiro filme maranhense.

E de todo o impacto que o cinema trouxe para os maranhenses em especial os ludovicenses com o aclamado documentário Maranhão 66 encomendado pelo então governador da época José Sarney (1930), e produzido pelo renomado cineasta brasileiro, Glauber Rocha (1930 – 1981)

E no capítulo três “A CIDADE DE CODÓ ENTRE AS DÉCADAS DE 1950 A 1990 E AS EXIBIÇÕES DE FILMES NOS CINES TEATROS SÃO LUIS” este trabalho busca por meio da pesquisa oral mostra a importância que o cinema teve no processo de socialização dos frequentadores do Cine Teatro São Luiz, bem como sua representação para a memória coletiva da cidade em Codó no Estado do Maranhão, nas décadas de 1950 a 1990, por meio de depoimento de pessoas que o frequentaram.

Deste modo, procuramos conhecer historicamente a cidade de Codó neste período na perspectiva de buscamos entender todo o contexto sociocultural da cidade nas referidas décadas – recorte temporal da pesquisa – com o objetivo precípua de

conhecer a memória desse local para que possamos refletir sobre o seu papel na formação da identidade cultural e histórica codoense.

CAPÍTULO I – HISTÓRIA E CINEMA: OBJETO DE ESTUDO PARA ESCRITA HISTORIOGRÁFICA

1.1 O CINEMA MUNDIAL E A RELAÇÃO COM A HISTÓRIA – O INÍCIO DA HISTÓRIA DAS IMAGENS EM MOVIMENTO.

A pesar da maioria dos enciclopédias apontarem os irmãos Lumière como os percussores do cinema moderno, porém a rigor não é possível apontar um dia certo, nem mesmo uma única paternidade para essa invenção, simplesmente pelo fato da procura de um aparato técnico que capturasse mesmo que com razoável qualidade movimentos é centenária. Isso tem sido o resultado do esforço de vários inventores, pesquisadores, técnicos, cientistas que trabalharam para conseguir registrar imagens em movimento, essa fase é chamado de pré cinema. Como exemplo, podemos iniciar nossa história na China antiga com o uso de bonecos de varas que contavam uma história para os espectadores por meio do movimento das sombras dos bonecos sobre uma tela iluminada. Conforme verificamos na imagem abaixo:

Imagem 1: Teatro de marionete chinês¹

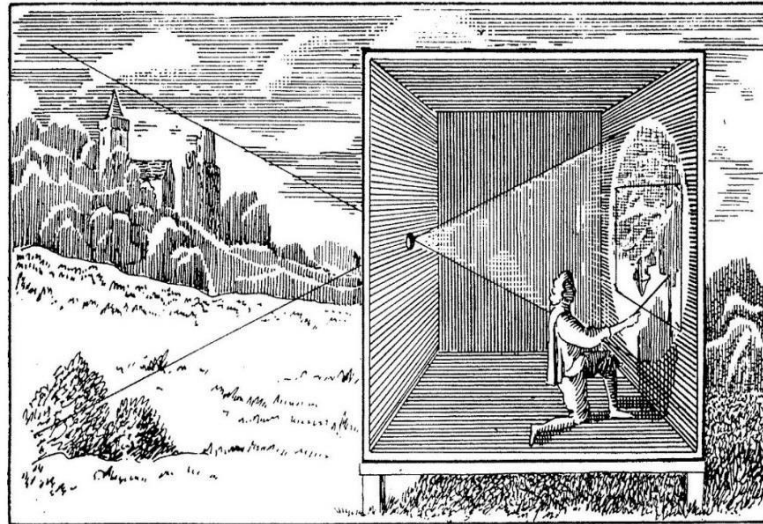


Séculos depois Leonardo Da Vinci (1452-1519) desenvolve um aparelho chamado de Câmara Escura, esse aparelho era composto por uma caixa fechada com um pequeno orifício coberto por uma lente que permitia a entrada de luz. Assim

¹ Fonte: XINHUA Português. Disponível em: < http://portuguese.xinhuanet.com/2019-02/15/c_137819854_3.htm>. Acesso em: 05 de mai de 2023.

imagem dos objetos exteriores é projetada no interior da caixa de forma invertida, essa é a primeira grande descoberta da fotografia. Como visualizamos a seguir:

Imagem 2: Leonardo Da Vinci Câmara Escura²



No século seguinte, o alemão Athanasius Kirchner (1601-1680) se espelha na Câmara Escura para inventar a Lanterna Mágica, que é composto por uma caixa cilíndrica iluminada por dentro de uma vela que projeta imagens desenhadas em uma lamina de vidro, algumas

² Fonte: Guaratuja Fotografia. Disponível em: <
<http://garatujafotografia.blogspot.com/2013/07/camara-escura-o-inicio-de-tudo.html>>. Acesso em. 21 de jul de 2023

vezes com acompanhamento de músicas para contar história. Como visualizamos na imagem seguinte.

Imagem 3: A Lanterna Mágica inventada por Athanasius Kirchner³



No século XIX foram construídos muitos equipamentos que procuravam observar o fenômeno de persistência retiniana. Este fenômeno seria responsável por conservar a imagem por uma fração de segundo na retina, resultando na criação de movimento. Em 1832, o belga Joseph-Antoine Plateau (1801-1883) inventou o Fenaciscopio, esse equipamento mostrava diversas figuras de um mesmo objeto em oposição diferentes desenhadas em um disco, de forma que ao gira-lo, essa imagens pareciam estar em movimento. Sete anos mais tarde surge a Fotografia

³ Fonte: Animação. Disponível em.

<https://mariaeusebio12av1.wordpress.com/historia/lanterna-magica/>.. Acesso em. 21 de jul de 2023

porém somente 50 anos depois, empresta suas propriedades ao cinema (THEBAS, S/d). Conforme observamos na imagem abaixo:

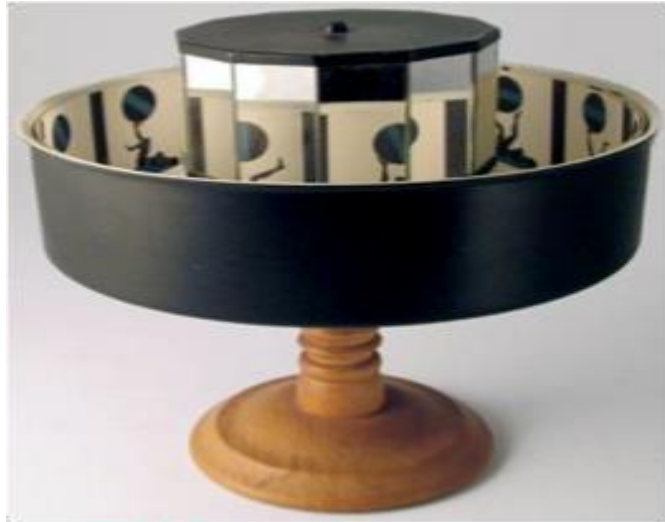
Figura 4: O Fenacístoscópio criado por Joseph-Antoine Plateau⁴



No final do século XIX aparecem aparelhos como o Praxinoscópio construído em 1877, pelo francês Charles Émile Reynaud (1844-1918), que consistia em um aparelho de formato circular no qual imagens se sucediam e criavam a sensação que estavam em movimento. Com o tempo o aparelho evoluiu de tamanho possibilitando no uso por uma quantidade maior de pessoas (THEBAS, S/d). Como visualizamos na imagem seguinte.

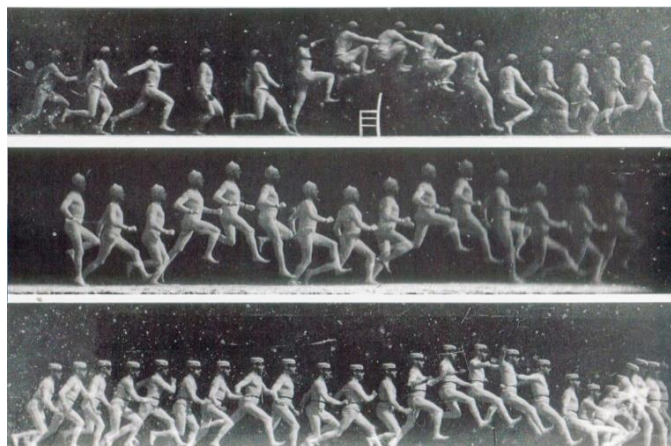
⁴ Fonte: APOGEU DO ABISMO - FRANZ LIMA. Disponível em. <http://apogeudoabismo.blogspot.com/2013/10/conhecam-o-fenacistoscopio-o-precursor.html>. Acesso em. 21 de jul de 2023

Imagem 5: O Praxinoscópio construído por Charles Émile Reynaud⁵



Em 1877 outro francês Étienne-Jules Marey (1830 - 1904) criou o Fuzil Fotográfico. Esse aparelho era composto por um tambor forrado por dentro com uma chapa fotográfica circular, ele era capaz de produzir 12 frames consecutivos por segundo, sendo que todos os frames ficavam registrados na mesma imagem. Como percebemos na ilustração abaixo.

Imagem 69: O Fuzil Fotográfico criado por Étienne-Jules Marey⁶



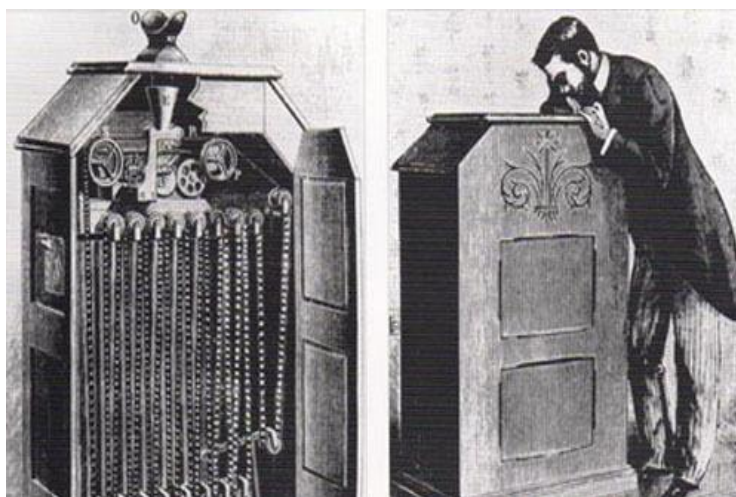
Muitos historiadores dizem que o cinema começou com o Cinetoscópio. Em 1890, por Thomas Edison (1847-1931), que já havia inventado o filme perfurador e uma película de celuloide capaz de fixar as imagens e projeta-lás por meio de lentes,

⁵ Fonte: HISTÓRIA DA ANIMAÇÃO CUL-OUT. Disponível em: <<https://johannescutout.weebly.com/blog/praxinoscope-charles-emile-reynaud>>. 05 de mai de 2023.

⁶ Fonte: Efeceterra o Efe e de fotografia. Disponível em. <https://efecetera.com/historia-da-fotografia-2/etienne-jules-marey-e-a-cronofotografia/>. Acesso em. Acesso em. 21 de jul de 2023

pequenos filmes eram projetados no interior de uma máquina de filmes de até 15 minutos. Com o tempo, salões de Cinetoscópio eram a abertos à medida que a máquina ganhava popularidade.

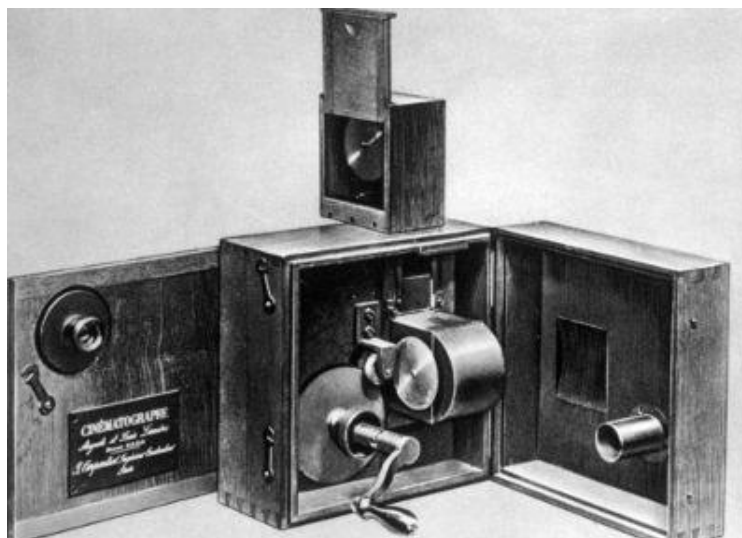
Imagem 7: Cinetoscópio criado por Thomas Edison⁷



No ano de 1895, os irmãos Lumière – Auguste Lumière (1862 - 1954) Louis Lumière (1864 - 1948) criam o Cinematógrafo a partir do aperfeiçoamento de Cinetoscópio. O Cinematógrafo, que originou o nome cinema, era movido a manivela e utilizava negativos perfurados. Por ser um aparelho leve era fácil seu transporte para o uso em lugares externos, e ao longo dos anos, os irmãos Lumiere usaram a câmara para fazer mais de mil curtas-metragens, a maioria dos quais retratava cenas da vida cotidiana o chamado cinema-teatro. Conforme visualizamos a seguir:

⁷Fonte: Animação. Disponível em.<<https://mariaeusebio12av1.wordpress.com/historia/brinquedos-opticos/cinetoscopio/>>. Acesso em. 21 de jul de 2023

Imagem 810: Cinematógrafo criado pelos irmãos Lumière⁸



A sua primeira exibição, “La Sortie de l’usine Lumière à Lyon” (A saída da Fábrica Lumière em Lyon), aconteceu no dia 22 de março de 1895, no Grand Café Paris para uma pequena plateia, foi um marco para a indústria cinematográfica. Os primeiros filmes apresentavam cenas cotidianas e logo se popularizou com o público que apresentava as mais variadas reações desde medo ao ponto de que chegam a correr, enquanto outros ficavam maravilhados cada vez mais com a nova tecnologia.

1.2 O CINEMA COMO UMA CONSTRUÇÃO IMPORTANTE PARA A ESCRITA DA HISTÓRIA: ANÁLISES DE DUAS PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS.

A Sétima Arte vem ganhando cada vez espaço no meio acadêmico, tem-se produzidos muitos trabalhos nos meios universitários – monografias, dissertações, teses, entre outros. Constatamos que nesses estudos utilizam-se fontes como memórias, oralidades sobre o cinema nas cidades do sertão brasileiro, essa monografia encontra-se dentro desse propósito. Nesse sentido, é possível produzir pesquisas historiográficas tendo como fonte: memórias e história oral. Sobre a

⁸ Fonte: Instituto de cinema SP. Disponível em <<https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/a-origem-do-cinema>>. Acesso em. 21 de jul de 2023

pesquisa desenvolvida, o cinema em Codó uma das fontes de investigação selecionada para este estudo foi a história oral, trabalhamos com recolhimento de depoimentos de pessoas que vivenciaram o período de funcionamento do cinema em Codó.– fonte de investigação desse estudo. Napolitano (2008, p. 235-6) esclarece que

As fontes audiovisuais e musicais ganham crescentemente espaço na pesquisa histórica. Do ponto de vista metodológico, são vistas pelos historiadores como fontes primárias novas, desafiadoras, mas seu estatuto é paradoxal. Por um lado, as fontes audiovisuais (cinema, televisão e registros sonoros em geral) são consideradas por alguns, tradicional e erroneamente, testemunhos quase diretos e objetivos da história, de alto poder ilustrativo, sobretudo quando possuem um caráter estritamente documental, qual seja, o registro direto de eventos e personagens históricos.

Para o pesquisador Napolitano (Op.cit., 2008, p.236) trabalhar os documentos declaradamente artísticos “[...] (filmes de ficção, teledramaturgia, canções e peças musicais) são percebidas muitas vezes sob o estigma da subjetividade absoluta, impressões estéticas de fatos sociais objetivos que lhes são exteriores”. Desse modo, devemos entretanto compreender que “[...] as fontes audiovisuais e musicais em suas estruturas internas de linguagem e seus mecanismos de representação da realidade, a partir de seus códigos internos” (Ibidem).

É preciso entender que a escrita historiográfica não é construída, exclusivamente, “[...] por palavras, mas também, por imagens. Seus arquitetos são homens e mulheres que a manuseiam por ofício ou por arte. Mas há os que transitam livremente por estas duas vias (ofício e arte) fazendo com que suas fronteiras se diluam ao sabor de suas vontades” (PEREIRA, 2015, p. 39). Assim, conforme afirma Dosse (1999, p 173), “o chão da história não é cultivado apenas por historiadores, ele está em grande parte exposto às vicissitudes da conjuntura intelectual”. Para historiadora Pereira (Ibidem)

Tais vicissitudes seriam como folhas ao vento, tendo sua trajetória impressa ora por brisas ora por tornados. Assim seria a História, esta folha conduzida pelos ventos orquestrados por artistas, jornalistas, trabalhadores, imperadores, mulheres, crianças e historiadores.

No grupo dos artistas ousou incluir os profissionais do cinema, que talvez tenham ocorrido à Dosse quando proferiu sua sentença. Sabemos atualmente que qualquer filme filiado a qualquer gênero cinematográfico pode se tornar uma fonte em potencial para o historiador, pois a partir de cada filme, mesmo que não seja épico/histórico, é possível compreender certas conjunturas. Assim como o cineasta trabalha fundamentalmente com imagens, o historiador, em seu ofício, tem como matéria prima principal o documento.

Um bom exemplo de documento historiográfico está na película “12 Anos de Escravidão”⁹ (2013) que se passa no ano de 1841, e narra a história real de Solomon Northup interpretado por (Chiwetel Ejiofor). Solomon Northup era um escravo liberto junto de sua família. Um dia, após aceitar um trabalho que o leva a outra cidade, ele é sequestrado e acorrentado. Passando a viver como um escravo, Solomon precisa superar humilhações físicas e emocionais para sobreviver. Ao longo de doze anos ele passa por dois senhores, Ford (Benedict Cumberbatch) e Edwin Epps (Michael Fassbender), que o exploram na sua nova condição de escravo.

O referido filme procura abordar os Estados Unidos da América do século XIX – país dividido entre os pró e os contra a escravidão. E, nos faz perceber como era cruel e desumana a vida para aqueles que eram escravizados, separado de suas famílias a força, espancados, humilhados vendidos como objetos e tratados como animais. Mesmo num período em que parte da sociedade já havia abandonado os meios de escravidão, o filme vale a pena ser assistido não só pelo que apresenta, mas também pela abordagem sócio-histórica que permitir nos fazer refletir, sobre determinada época.

Para Lagny (2009, 101), os filmes teriam a prerrogativa de nos fazer repensar a própria historicidade, pois através deles é possível analisar diversas formas de narrativas, além das relações entre realidade, representação, ficção e temporalidades na História. Tais relações são tecidas através de elementos técnicos, atuações e direção, tornando um filme uma das possíveis formas de se contar uma história, seja ela baseada em acontecimentos ou pura ficção. O filme não vale apenas pelo que testemunha, mas também pela abordagem sócio-histórica que é capaz de oferecer (Lagny, apud. PEREIRA, 2015, p. 40)

Segundo Pereira (Ibidem) a crítica feita a fontes escritas pode ser também aplicada aos filmes, pois ambas, na qualidade de testemunhas da História, precisam ser inquiridas para produzirem respostas sobre uma determinada sociedade. Para tanto, no caso dos filmes, faz-se necessário analisar aspectos de sua produção, compreender as relações que estabeleceu com a sociedade que o rodeava, de que forma se comunicava com os costumes, cultura, política de sua época e lugar. Essas reflexões devem ser pensadas a partir das análises do historiador Ferro (1993), na qual observar que os filmes conseguem possibilitar ler a História, sendo esta a premissa de todo documento histórico.

⁹ Direção: Steve McQueen (II) Roteiro John Ridley Elenco: Chiwetel Ejiofor, Michael Fassbender, Benedict Cumberbatch Título original 12 Years a Slave. In: Adoro Cinema. 12 anos de Escravidão. Disponível em: < <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-196885/>>. Acesso em 20 de nov. de 2020

Interessante observar que o mesmo que ocorre com documentos escritos, que podem ter sua relevância alterada com o tempo, a exemplo da A carta de Pero Vaz de Caminha, documento oficial que reporta a chegada dos colonizadores no Brasil.

O mesmo pode acontecer com os filmes que em seus lançamentos podem não ter alcançado muito projeção porém com o passar do tempo conseguem conquistar o estado de “filme clássico”. A exemplo o filme “Cidadão Kane” do diretor, produtor e ator Orson Welles (1915-1985), em 1941, não foi sucesso de público nem mesmo de crítica naquele ano, mas com o passar do tempo conseguiu sua consagração, atualmente considerado pela crítica como uma das melhores produções cinematográficas de todos os tempos.

O cinema além de nos ajudar na reconstrução do passado e tal processo também reside no trabalho de historiadores. A sétima arte também pode ser usada como instrumento para modificar nosso olhar sobre a história, visto que: os filmes históricos, mesmo quando sabemos o quão são romantizados, mudam a forma como enxergamos o passado e por meio deles podemos, ter uma visão mais crítica sobre o passado.

1.3 A ESCOLA DOS ANNALES (1929): A INCLUSÃO DE NOVA FORMA DE REGISTRO HISTÓRIOGRÁFICO COMO A HISTÓRIA ORAL E AS ARTES.

A Escola dos Annales deu grande contribuição para a ampliação dos objetos da História. Podemos constatar que o movimento dos Annales (1929) “[...] rompeu completamente com a historiografia tradicional e inaugurou uma nova concepção de história, que trouxe no seu bojo considerações enriquecedoras sobre as fontes” (NAVARRETE, 2008, p.20). Ela propunha “que a História deveria se nutrir de todos os elementos da produção humana” (DOMINGUES, 2006, p.63).

Com ela emergiram grandes possibilidades na qual fez com que alguns objetos negligenciados – pelo meio acadêmico não levava em consideração –, em particular o cinema, fosse creditado como fonte histórica. Isso aconteceu a partir da terceira geração da Escola dos Annales por meio de Marc Ferro (1971). Conforme essa tese, a/o historiador(a) pode trabalhar o seu objeto de pesquisa, assim iniciando seus diálogos como fontes de estudos. Devemos salientar que não existe neutralidade, nem documento sem conotações ideológicas ou políticas conforme foi argumentado por Jacques Le Goff (2003)

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe o seu significado aparente (GOFF, 2003, p. 538).

Consideramos a Escola dos Annales como responsável por alterar os paradigmas em relação na forma de se escrever história. Desse modo, “com novas abordagens, perspectivas e métodos o historiador pôde ampliar o seu campo de investigação” (DAVSON, 2017, p. 264).

Ao contrário dos historiadores positivistas que fundamentavam seus trabalhos unicamente a partir de documentos oficiais como fonte de pesquisa, os historiadores dos Annales tem um maior leque de opções, isso “[...] os levou a incorporar ao seu trabalho novas fontes históricas e, também, novos objetos, métodos e abordagens, que diversificaram as maneiras de utilizá-las (NAVARRETE, 2008, p.20).

Um bom exemplo dessa mudança nos paradigmas do campo historiográfico é a inclusão e valorização da história oral como um grande recurso no processo de esclarecer e nos fazer entender mais sobre nosso passado. Pode-se perceber um pouco mais a importância da história oral com um pequeno recorte da obra de Paul Thompson em que ele fala:

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992: 17).

A história oral pode acrescentar uma dimensão viva, nos fazendo perceber melhor a história, pois a historiografia é um campo vasto que muitas vezes precisa de novos documentos variados, não somente os tradicionais escritos, e essa evolução faz parte e é uma peça importante no campo da historiografia. Como fala Albert,

[...] a história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos (ALBERTI, 1989: 4).

Nesses diálogos podemos perceber a mudança da história com a inclusão de

varias às áreas das ciências humanas e sociais emergiram as artes – cinema, música, literatura, teatro, entre outras – como fontes importantes do registro historiográfico. Para Barros (2007, p.2) o “Cinema e História têm desenvolvido relações bastante íntimas desde que os primeiros filmes começaram a surgir por volta do alvorecer do século XX”.

De facto, estes dois campos da actividade e da criação humana não cessaram de intensificar progressivamente as suas possibilidades de interacção à medida que o Cinema se foi firmando como a grande arte da contemporaneidade. Forma de expressão artística para a qual concorrem diversas outras artes – como a Música, o Teatro, a Literatura, a Fotografia e as demais Artes Visuais – o Cinema terminou por vir a constituir a partir de si mesmo uma linguagem própria e uma indústria também específica, e a par disto não cessou de interferir na história contemporânea ao mesmo tempo que o seu discurso e as suas práticas se foram transformando com esta mesma história contemporânea. Eis aqui a raiz de um complexo jogo de inter-relações possíveis que têm permitido que o Cinema se mostre simultaneamente como “fonte”, “tecnologia”, “sujeito” e “meio de representação” para a História (Ibidem).

O cinema tem-se constituído como fonte importante para a escrita da história. Sabemos que essa arte – inclui um enorme conjunto das produções cinematográficas que já foram realizadas e também as conveções e discursos que sobre elas se

estabelecem – pode ser pensado nos dias de hoje uma fonte principal e inesgotável para o trabalho do historiador(a).

A produção cinematográfica e suas análises e discursos sobre elas, “[...] fornece fontes extraordinariamente significativas para os estudos históricos sobre a própria época em que foi, e, está sendo produzido, uma outra relação fulcral entre História e Cinema pode aparecer através da dimensão deste último como representação” (BARROS, 2007, Op. Cit., p.2). Efetivamente, na contemporaneidade os historiadores podem apreender de uma nova perspectiva a própria história do século XX a partir da relação com o cinema. De fato para os que trabalham com a escrita da história podem e devem examinar os diversos usos, recepções e apropriações dos discursos, práticas nas obras cinematográficas¹⁰.

No seu aspecto mais irredutível o Cinema – incluindo todo o imenso conjunto das obras cinematográficas que já foram produzidas e também as práticas e discursos que sobre elas se estabelecem – pode ser considerado nos dias de hoje uma fonte primordial e inesgotável para o trabalho historiográfico. A partir de uma fonte fílmica, e a partir da análise dos discursos e práticas cinematográficas relacionados aos diversos contextos contemporâneos, os historiadores podem apreender de uma nova perspectiva a própria história do século XX e da contemporaneidade. De igual maneira, como se verá mais adiante, os historiadores políticos e culturais podem examinar os diversos usos, recepções e apropriações dos discursos, práticas e obras cinematográficas (Ibidem).

Nesse percurso histórico a relação entre Cinema e História ganhou sentido a partir do surgimento novos campos de pesquisa que foram sendo construídos. Segundo Davson (2017, p. 267) “pode-se definir essa relação em três categorias: o cinema na história, a história no cinema e a história do cinema, ambas interligadas, mas com suas especificidades”. Marcos Napolitano definiu:

O cinema na história é o cinema visto como fonte primária para a investigação historiográfica; a história no cinema é o cinema abordado como produto de discurso histórico e como interprete do passado e finalmente, a história do cinema enfatiza o estudo dos avanços técnicos, da linguagem cinematográfica e condições sociais de reprodução e recepção dos filmes (NAPOLITANO, 2008, p. 240).

¹⁰ As mudanças ocorridas durante o século XX, aumentaram o prestígio da História Cultural, muitos historiadores tiveram como referencia de pesquisa essa tendência historiográfica. Nesse sentido, “a história cultural tal como a entendemos tem por principal objeto identificar o modo como diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.” (CHARTIER, 2002, p. 16).

Podemos considerar que o cinema tornou importante no campo da representação social¹¹. O conceito de representação estudado por Chartier (2002) é relevante para compreender a relação entre cinema e história, segundo o pensamento de Codato (2010):

É uma representação de imagens em movimento, imagens que colocam em relação o real e o imaginário através de um mecanismo que permite uma dupla articulação da consciência, no qual o espectador percebe a ilusão, mas também o dinamismo da realidade (CODATO, 2010, p.53).

Nesse item, discutimos como a *Escola dos Annales* contribuiu com seus avanços teóricos e metodológicos para a história e sua relação com o cinema, permitindo, assim, uma nova forma de análise e registro historiográfico.

¹¹ Barros (2005,p.8) aborda que “tanto os objetos culturais seriam produzidos ‘entre práticas e representações’, como os sujeitos produtores e receptores de cultura circulariam entre estes dois polos, que de certo modo corresponderiam respectivamente”.

CAPÍTULO II – A EMERSÃO E O FAZER CINEMATOGRAFICO NO ESTADO DO MARANHÃO

2.1 OS PRECURSORES DO CINEMA NO MARANHÃO.

O ano de 1898 tornou-se uma data marcante para o cinema no Maranhão, foi nesse momento histórico que chega em São Luís o primeiro aparelho cinematográfico – três anos após a exibição dos irmãos Lumiere em Paris. Durante seus primeiros onze anos a atividade de exibição de filmes era ambulante, em sua maioria das vezes funcionava no teatro Arthur Azevedo. Abaixo visualizamos o prédio do Teatro:

Imagem 9: Teatro Arthur Azevedo¹²



Segundo Matos o primeiro aparelho cinematográfico a aterrissar em terras maranhenses foi o Cronofotógrafo de Demeny no ano de 1897. Foi criado pelo cientista e inventor francês George Demeny (1850 - 1917) em uma tentativa de fazer fama e fortuna fácil. A historiografia registra também que muitos inventores haviam criados

¹² Fonte: Governo do estado do Maranhão. Disponível em <http://governoma.blogspot.com/2013/05/teatro-arthur-azevedo-celebra-196-anos.html>. Acesso em 05 de junho. de 2023.

vários aparelhos com a mesma finalidade, como exemplo podemos citar: Bioscopio, Eidoloscopio, Vitascopio o Fantoscopio entre outros. Esses equipamentos percorriam os quatro cantos do mundo funcionando em teatros, salões, circos salas ou ao ar livre.

Nos início da atividade esses aparelhos eram transportados de mão em mão por empresários ambulantes e foi assim que chegou no Brasil em sua capital na época o Rio de Janeiro em meados de 1896. Sua exibição inaugurou e é considerada não só a primeira do país, mas também a de toda a América do Sul, desse maneira ficou claro que esse acontecimento realizado pelo “[...] ‘Omniógrafo’ constitui a primeira projeção pública de cinematografia animada sobre uma tela e para vários espectadores no Brasil. E, também na América do Sul, pois a primeira projeção na Argentina ocorreu em Buenos Aires em 18 de julho de 1896. (CAPELLARO; FERREIRA, 1996, p. 20). Todo o decorrer dessa exibição é descrito por Máximo Barro (2000):

Os aparatos das sessões cinematográficas brasileiras limitavam um lençol ou outro pano branco, estirado por pregos, que servia de tela ou alvo, como era então chamada. O calor da sala, mesmo no inverno, propiciava o alargamento do tecido, obrigando o projetorista a molhá-lo com mangueira ou regador, a cada tanto, para novamente estirá-lo e dar mais brilho às imagens, mercê das propriedades que a água possui quando atravessada pela luz. As sessões duravam ordinariamente 30 minutos. Formatados por 5 ou 6 filmes de 47 segundos, chegaríamos a um total de 5 minutos. Com mais outros 10 para saída e entrada do público, sobriam sempre 15, preenchidos pela personalidade carismática destes aventureiros ignorados pelos historiadores brasileiros, carregando e descarregando filmes, vistos como feiticeiros que tinham o condão de fazer a fotografia mover-se (BARRO, 2000, p. 11).

O aparelho de projeção era montado [...] no centro da sala ou teatro, à mostra de todos. Apenas quando o evento se abrigava em teatros que tivessem um bom recuo de palco, é que assistia-se o espetáculo por retro projeção” (Ibidem). A plateia que acompanhava a exibição do filme pela primeira vez, frequentemente colocavam-se de frente para o equipamento e de costas para a tela, na qual ficavam impressionados com o receptor e não transmissor de imagens.

Durante a projeção do trecho de 47 segundos, no escuro, o filme caía no chão, ou no máximo, era recolhido num cesto, porque os aparelhos ainda não dispunham de carretel receptor. Ao término da rapidíssima projeção de cada assunto, as luzes eram acesas e o projetorista calmamente enrolava o filme depositado no cesto ou chão. Em seguida, iniciava o carregamento no projetor, do trecho seguinte, renovando-se o processamento anteriormente visto. Desse modo, metade do tempo da sessão era perdida nesse ritual. Perdida, é bom

deixar claro, para o nosso conceito atual, porque para o espectador da época, aquilo, também, era ingrediente do encantamento da novidade. (Ibidem).

O primeiro aparelho cinematográfico que chegou no Maranhão foi o Cronofotografo trazido pelo empresário Moura Quineau que fazia suas exibições durante o dia e a noite por quarenta e cinco dias em uma sala, em frente ao Teatro São Luis, o mais importante da época até os dias atuais, como foi retratado pelo jornal mais prestigiado da época, o Pacotilha:

O senhor Moura Quineau, habil photographo o que aqui já residio trouxe agora a esta capital a ultima invenção deste fim de seculo em materia de maravilhas. É o cronophotographo de Demeny, aparelho que reproduz a photographia animada com todas [sic] os movimentos naturaes. É realmente curioso e digno de ver-se que o Sr. Moura Quineau vae exhibir ao publico por estas noites, no proximo domingo, á rua do Sol, em frente ao theatro. (PACOTILHA, 09 abr. 1898, s.p.)

Moura Quineau foi o precursor de uma atividade que durou onze anos e foi constituído por catorze aparelhos cinematográficos que visitaram a cidade dezesseis vezes, conforme tabela abaixo.

Tabela 1 – Relação de aparelhos que passaram por São Luís

APARELHO	ANO	PERMANÊNCIA
Cronofotógrafo de Demeny	1898	07.04.98 – 15.05.98
Bioscópio Inglês	1902	13.07.02 – 09.08.02
Cinematógrafo Alemã	1902-3	18.04.02- 01.03.03
Bioscópio Italo-Brasileiro	1903	24.10.03 – 12.11.03
Cinematógrafo Hervet (primeira passagem)	1904	30.04.04 – 13.05.04
Cinematógrafo Kaurt	1906	27.01.06 – 02.02.06
Aletorama		16.06.06 – 28.06.06
Cinematógrafo Parisiense (primeira passagem)		28.08.06 – 11.09.06
Cinematógrafo Hervet (segunda passagem)	1907	16.03.07 – 16.04.07
Cinematógrafo Parisiense (segunda passagem)		20.04.07 – 22.04.07
Cinematógrafo Gaumont		14.08.07 – 16.08.07
Teatro Campestre		06.10.07
Cinematógrafo Falante /Maurice e Linga	1908	30.01.08 – 12.02.08
Cinematógrafo Fontenelle		07.03.08 – 12.02.08
Cinematógrafo Norte-Americano		05.09.08 – 29.09.08
Cinematógrafo Pathé	1909	01.05.09 – 08.05.09

Fonte: Matos (2000, p.201).

O segundo aparelho a chegar no Maranhão foi o Bioscopio Inglês de propriedade do empresário italiano Jose Fillipi em 1902, segundo jornais da época esse aparelho era de melhor qualidade técnica do que o Cronofotógrafo, somando a outros fatores como.

- a) Um hiato de quatro anos sem o Cronofotografo de Demeny.
- b) O fato de ser o primeiro entretenimento após a epidemia de peste bubônica que havia atacado a capital.
- c) A tecnologia do Bioscopio era mais avançada do que a do Cronofotografo.
- d) As estratégias de marketing do senhor José Fillipi, como descrever o espetáculos como um divertimento para a família; um bom trabalho de relações pública com a imprensa; promover sessões especiais, como a do dia 23 de julho voltada para as crianças; e a do dia 28 de julho comemorando adesão do Maranhão a Independência do Brasil.

Essas entre outras discussões serão tratadas no item a seguir, na qual abordaremos o fazer cinematográfico no Maranhão.

2.2 A EXIBIÇÃO E O FAZER CINEMATOGRAFICO EM “TERRAS DAS PALMEIRAS”.

Trazido pelos projetores ambulantes, a chegada do cinema no Maranhão coincide com um momento de desenvolvimento de sua capital, São Luís. Esse equipamento foi uma novidade para os ludovicenses, e imediatamente conquistou as mentes e os corações dos habitantes da Ilha. Segundo Pinheiro, et al. (2008, p. 2)

Oriundos de vários lugares da Europa, os aparelhos cinematográficos conquistaram a população e em pouco tempo, já eram utilizados para registrar cenas do cotidiano maranhense, em especial festejos religiosos e acontecimentos históricos. Assim nascia e crescia o cinema no Maranhão, em meio a manifestações de fé, história, e mais tarde, movimentos de rebeldia.

Como já foi dito o primeiro aparelho cinematográfico o cronofotógrafo trazido pelo antigo morador da cidade o senhor Moura Quineau, que o cinema ganhou o gosto popular na cidade de São Luís, passando para o bioscópios, cinematógrafos entre outros, o que ajudou a no desenvolvimnto da atividade. A história registra a mudança do cinema ambulante para um local físico:

A rotina do ludovicense, que antes dividia-se entre eventos clericais, idas ao velódromo para assistir as animadas e disputadas corridas de bicicleta, entre outras atividades, agora incorporava os espetáculos cinematográficos dos projetores ambulantes que poucos dias passavam pela cidade. Todos esses aparelhos causaram tal impressão na população, que a atividade que antes era exibida por ambulantes passou a possuir um salão permanente para sessões diárias. Para este salão eram trazidos os mais variados tipos de

aparelhos de projeção cinematográfica, provenientes de diversos lugares da Europa. (Ibidem, 2008, p. 3)

Esses empresários que abdicavam suas antigas carreiras, para se aventurar nesta nova atividade que prosperava na tentativa de fazer fortuna com as imagens em movimento. Desse modo, eles aumentaram seu catalogo de exibições e começaram a registrar imagens por onde passavam. Surgindo assim sem propósito os primeiros cineastas e também os registros de varias cidades brasileiras, especialmente São Luis, conforme explica Matos (2017, p.206)

Assim como fazia parte da lógica do entretenimento comprar ou alugar um aparelho cinematográfico, também era comum que os empresários-projecionistas fizessem filmagens por onde iam passando, até mesmo para ampliar o seu catálogo de opções de exibição. Os filmes dessa época, como se sabe, não tinham qualidade narrativa, o que só vai acontecer a partir de 1909, quando entra em cena, no cinema, o gênio inventivo de George Méliès, [...]

Com a sua popularidade cada vez mais se enraizando na cidade de São Luís, juntamente com a evolução dos aparelhos cinematográficos, não demorou para aparecerem os primeiros registros cinematográficos maranhense e o pioneiro nesta atividade foi o senhor José Phillipe com que seu Bioscópio Inglês, segundo Pinheiro:

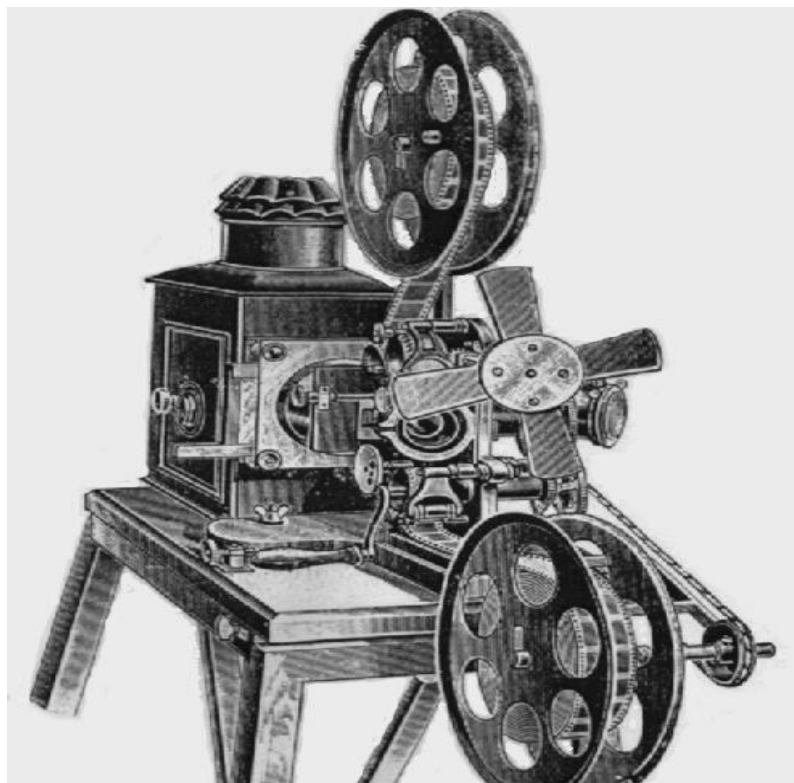
Das máquinas que aqui chegavam a época do cinema ambulante, foi o bioscópio Inglês do senhor José Phillipe que primeiro registrou imagens genuinamente ludovicenses. Seu aparelho tinha a capacidade não só de projetar o filme, mas também de registrar algumas cenas. Tal registro foi apresentado à sociedade maranhense na noite de comemoração de adesão do Maranhão à independência do Brasil. (PINHEIRO, et al., 2008, p. 4)

Nesse dia é mostrado aquela que foi considerada a primeira filmagem em terras maranhenses, foi o da Oficina dos Nove que nessa época era a principal agremiação literária de São Luís, constituídas por intelectuais que seis anos mais tarde formariam a Academia Maranhense de Letras. Esse primeiro registro teve destaque nos jornais como O Federalista, datada de 29 de junho de 1902, como mostra no trecho abaixo:

[...] Antes de dar comêço ao terceiro acto que foi de Bioscopio Inglez o sr. Filippi, fez descer um pano no qual havia a seguinte saudação: <Acompanhinha d'Arte congratulando-se com o patrico publico Maranhense, sauda-o pela data brilhante que hoje festeja.> O primeiro quadro exhibitado foi o do grupo da Oficina dos Novos sendo secundado por três retratos de brasileiros: Augusto Severo, João de Deus e Benjamin Constant. As vistas animadas agradaram geralmente (O FEDERALISTA, 29 jul. 1902, s.p.).

Na imagem a seguir podemos visualizar o Bioscópio Inglês, primeiro aparelho a registra imagens genuinamente maranhenses trazido pelo senhor José Phillipe.

Imagem 10: Bioscópio Inglês¹³



Todo esse destaque a José Philipe, não é somente por ter sido o primeiro a filmar em terras maranhenses, mas também por ter feito com uma certa maestria o registro de imagens. As atividades cinematográficas se tornaram notícias nos principais jornais ludovicense:

Além de ter tido o pioneirismo da filmagem em terras maranhenses, José Fillipi tem ainda outra qualidade que o diferencia. Exibiu, na avaliação dos jornais, o melhor cinematógrafo que passou por São Luís durante os 11 anos que durou o ciclo do Cinema Ambulante, tanto pela das vistas e do seu desempenho como empresário de entretenimento. Enfim, uma conjugação de aspectos o beneficiou. [...] (MATOS, 2017, p. 211).

¹³ Fonte: História e Historiografia do RS. Disponível em <<https://historiaehistoriografiadors.blogspot.com/2019/10/a-primeira-apresentacao-do-bioscopio.html>> Acesso em 05 de junho. de 2023.

A segunda filmagem no Estado do Maranhão foram feitas pelo o senhor Rufino Coelho no dia 28 de agosto a 11 de setembro de 1906, filmando o maior festejo religiosos da época, a Festa dos Remédios. Dos onze anos que durou o ciclo do cinema ambulante esse foi o último registro. Outras notícias sobre filmes no Maranhão aconteceram depois de 1910, quando São Luís entra em outra fase, momento em que ocorreram as exibições de filmes em locais fixos.

A segunda filmagem realizada aqui foi no ano de 1906, pelo proprietário do cinematógrafo parisiense, Rufino Coelho Junior. Neste registro, pode-se ver cenas do local onde ocorriam as festas de Nossa Senhora dos Remédios e o retrato do encomendador Augusto Marques. (PINHEIRO, et al., 2008 p. 4)

É de extrema relevância ressaltar a importância de todos esses empresários projetionistas, que judaram a molda os primeiros anos do cinema no Maranhão, tanto pela sua formação quanto para sua consolidação, como gênero de diversão e espetáculo entre os ludovicenses, domesticando assim seu olhar para o cinema na sua primeira fase, que vai de 1889 a 1909. Cuminado na sua próxima fase com a criação da primeira casa de cinema do Maranhão, O Cinema São Luís, em 31 de novembro de 1909. Como registra essa crônica da Pacotilha a baixo.

Diversões – Hontem os cinemas estiveram à cunha. Mal ia terminando uma sessão e já numerosos espectadores aguardavam a seguinte. Em frente ao S. Luiz, ao Ideal e ao Pathé, notava-se um dezlado movimento. A nossa população já vai compreendendo que é preciso sair de caza, ao menos uma vez por semana, provando as distrações mais ao alcance do bolso (PACOTILHA, 22 ago. 1910, s.p.).

Por todos os lugares do mundo por onde percorreram esses empresários junto de seus mais variados aparelhos, foram um dos pilares mais importantes para a transformação desse novo meio excêntrico de ganha a vida em uma indústria de entretenimento.

2.3 “MARANHÃO 66”: IMPACTO NO CINEMA MARANHENSE.

Desde que foi criado com 1895 pelos irmãos Lumieres, o cinema rapidamente se popularizou, o que contribuiu para se espalhar pelo mundo, fazendo com que três anos após sua primeira estreia em Paris ele desembarcasse no Maranhão pelas mãos do cientista e inventor francês George Demeny (1850-1917), como explica Matos.

Cronofotógrafo de Demeny. Este é o nome da máquina que inaugurou a atividade cinematográfica no Maranhão. O ano era 1898, três anos depois

que os irmãos Lumière fizeram a histórica apresentação do seu “Cinematógrafo”, no dia 28 de dezembro de 1895, num salão do Grand Café do Boulevard des Capucines, em Paris (FOIRET; BROCHARD, 1995). O aparelho é um dos muitos equipamentos de nomes estranhos que povoaram o início cientista e inventor francês, que, assim como muitos outros pesquisadores do final do século XIX, também quis fazer fortuna e fama com o negócio das imagens em movimento – tirá-las do laboratório e pô-las nas ruas, se possível em tela grande [...]. (MATOS, 2017, p. 198).

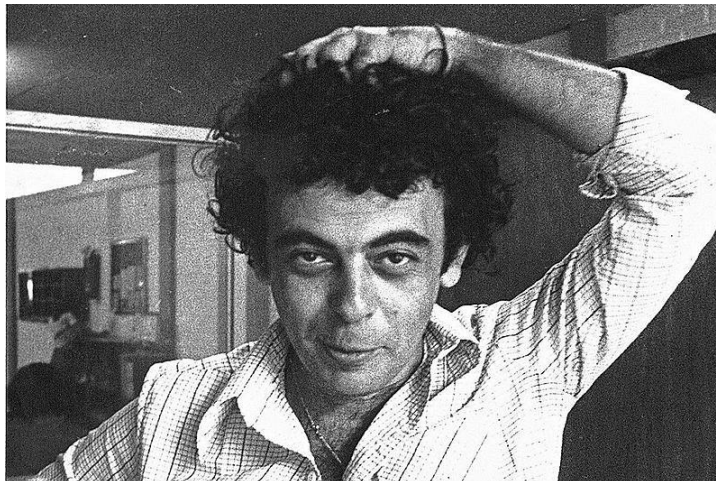
A primeira fase do cinema, começou no final do século XIX e durou até os anos 1920. Nessa época, o cinema era mudo, preto e branco e tinha uma linguagem simples e direta. Os filmes eram curtos, geralmente mostrando cenas do cotidiano ou de espetáculos circenses. E o primeiro a fazer esses registros em terras maranhenses foi o italiano J. Filippi (ano nasc, ano falesc.), que chegou em 1902 como aponta o jornal O Federalista em 29 de julho de 1902. A nota traz o seguinte trecho:

[...] Antes de dar comêço ao terceiro acto que foi de Bioscopio Inglez o sr. Filippi, fez descer um panno no qual havia a seguinte saudação:
<A companinha d’Arte congratulando-se com o patriótico público Maranhese, sauda-o pela data brilhante que hoje festeja> O primeiro quadro exhibido foi o do grupo da Oficina dos Novos sendo secundado por tres retratos de brasileiros: Augusto Severo, João de Deus e Benjamin Constant. As vistas animadas agradaram geralmente. (O FEDERALISTA, 29 jul. 1902, s.p.).

Percebe-se que o cinema desde seus primórdios na “Atenas Brasileira”, teve o poder de mudar a vida e seus moradores, um grande exemplo dos reflexos desse impacto pode ser observado no documentário “Maranhão 66” produzido pelo aclamado cineasta brasileiro Glauber Rocha (1939-1981). Que se destacou na década de 1960 com o movimento do Cinema Novo¹⁴. Ele é considerado um dos maiores nomes do cinema nacional e latino-americano, com filmes como: Deus e o Diabo na Terra do Sol (1964), Terra em Transe (1967) e O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro (1969). Sua obra é marcada pelo engajamento político, social e estético, e pela busca de uma linguagem cinematográfica original e autêntica.

¹⁴ O Cinema novo será discutido posteriormente

Imagem 11: Cineasta Glauber Rocha¹⁵



O documentário Maranhão 66, foi criado no ano de 1966, sob a solicitação do governador na época José Sarney (1930) da UDN/ARENA, focada em sua cerimônia da posse com o intuito de promover sua imagem no estado, construída sob o discurso do Novo, se opondo a gestão considerada arcaica dos políticos que governaram o Maranhão antes de seu mandato. Entretanto, para além disso Glauber Rocha usou dessa ferramenta de comunicação para mostrar a realidade sofrida pelo qual os ludovicenses passavam. Nesse sentido, Rafael Dornellas comenta sobre a película produzido pelo cineasta baiano:

Maranhão 66 é um curta metragem realizado em 1966 por Glauber Rocha por encomenda, documentando a posse do novo governador do Maranhão José Sarney. Além de gerar polêmica em sua recepção crítica, o filme foi também um marco na utilização de elementos do cinema direto e do cinema-verdade da mesma forma que utilizaram outros filmes [...]. No início do curta o espaço público em São Luis é mostrado ao mesmo tempo em que uma multidão espectador de gente caminha, comemora e aguarda o discurso de posse do governador José Sarney. O político sobe ao palanque, acena, e inicia seu discurso. Um corte abrupto nos tira do local festivo da cidade e leva o a fábricas vazias, abandonadas, a casas de pau a pique na zona rural, a cadeias e hospitais, que têm em comum o fato de as pessoas ali mostradas viverem em completo abandono e miséria. As imagens chocam e entram em conflito com o discurso do novo governador, quase sempre presente em off, anunciando promessas e visionando um horizonte glorioso, completamente oposto àquilo que vemos na tela. (DORNELLAS, s/d., p.1)

¹⁵ Fonte: Brasil de Fato. Disponível em. <https://www.brasildefato.com.br/2020/08/23/artigo-morto-ha-39-anos-glauber-rocha-pavimentou-a-utopia-no-cinema-brasileiro>. Acesso em. 23 de maio. de 2023.

Visualiza-se na imagem a seguir uma das cenas do filme curta-metragem, o então governador maranhense saudado ao povo da capital:

Imagem 12: José Sarney da UDN/ARENA, em sua cerimônia da posse¹⁶.



Importante ressaltar que o curta metragem criado por Glauber Rocha foi produzido nos moldes do movimento cinematográfico brasileiro em ascensão na época, chamado Cinema Novo, que foi uma corrente artística e política que surgiu no Brasil nos anos 1960. O objetivo era criar um cinema nacional, crítico e independente, que retratasse a realidade social e cultural do país. Os principais nomes do cinema novo além de Glauber Rocha, também foram Nelson Pereira dos Santos (1928-2018) Ruy Guerra (1931) e Carlos Diegues (1940).

A produção cinematográfica de Glauber Rocha – legítimo representante da geração de artistas e intelectuais que compreenderam a realidade conjuntural brasileira, fazendo a ponte de ligação entre o cultural e o político na passagem do nacional-desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek-JK (1902-1976) na qual tratavam da polarização política e ideológica dos anos 1960. Como argumenta Xavier (2001, p. 127), essa “atmosfera ideológica define o horizonte da obra de Glauber em

¹⁶ Fonte: Plano Critico. Disponível em. <https://www.planocritico.com/critica-maranhao-66/>. Acesso em. 23 de maio. de 2023.

todo o seu trajeto, embora tenham se alterado o contexto histórico de seu trabalho e sua própria maneira de entender o binômio revolução/reação”.

O curta produzido por Glauber é considerado uma obra de arte pela forma como foi montado, contrastando o discurso político esperançoso de Sarney com a realidade social do povo maranhense, marcada pela pobreza, pela fome e pela doença. O documentário foi produzido a pedido do próprio Sarney, que era amigo de Glauber Rocha e que tinha trinta e cinco anos na época, sobre o curta metragem Sarney comenta em entrevista.

Tomava eu posse no governo do Maranhão e fiz uma ousadia que não deveria ter feito com um amigo da estatura de Glauber Rocha. Eu lhe pedira que documentasse a minha posse. Glauber fez o documentário que foi passado numa sala de cinema de arte, há 15 anos. E quando o público viu que uma sessão de cinema de arte ia ser passado um documentário que podia ter o sentido de uma promoção publicitária, reagiu como tinha que reagir. Mas aí, o documentário começou a ser passado, e quando terminaram os 12 minutos o público levantou-se e aplaudiu de pé, não o tema do documentário, mas a maneira pela qual um grande artista pôde transformar um simples documentário numa obra de arte: ele não filmou a minha posse, ele filmou a miséria do Maranhão, a pobreza, filmou as esperanças que nasciam do Maranhão, dos casebres, dos hospitais, dos tipos de ruas, e no meio de tudo aquilo ele colocou a minha voz, mas não a voz do governador. Ele modificou a ciclagem para que a minha voz parecesse, dentro daquele documentário, como se fosse a voz de um fantasma diante daquelas coisas quase irreais, que era a miséria do Estado" (JORNAL DO BRASIL, 1981)¹⁷

A película foi exibida em uma sala de cinema de arte e recebeu aplausos do público, que reconheceu o talento do cineasta em transformar um simples registro em uma crítica contundente ao sistema político vigente no país após o golpe militar de 1964. Sobre o importante documentário em entrevista o cineasta baiano comentou em 1980.

É uma reportagem sobre as eleições de um governador (José Sarney) no Maranhão; é muito importante para mim, porque o filmei com som direto e foi uma experiência muito útil para “Terra em Transe” porque participei das etapas de uma campanha eleitoral (ROCHA, 1981).

Como foi falado pelo próprio Glauber, o documentário também serviu de inspiração para o filme “Terra em Transe”, de Glauber Rocha, que usou alguns planos de Maranhão 66 para compor uma cena de um comício de um político demagogo em

¹⁷ Fonte: Diálogos do Sul. Disponível em. <<https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/brasil/50731/maranhao-66-um-documentario-de-glauber-rocha>> . Acesso em: 24 de maio de 2023.

um país fictício chamado Eldorado. Maranhão 66 é um exemplo de como o cinema pode ser uma ferramenta de denúncia e de reflexão sobre a realidade brasileira.

CAPÍTULO III – A CIDADE DE CODÓ ENTRE AS DÉCADAS DE 1950 A 1990 E AS EXIBIÇÕES DE FILMES NOS CINES TEATROS OLINDA E SÃO LUIS

3.1 TOMADA 1: CODÓ NAS DÉCADAS DE 1950 A 1990.

Codó é uma cidade do Maranhão que tem uma história interessante, digna de filme. As narrativas historiográficas abordam que foi um longo processo para constituição da cidade, anteriormente o território era habitado pelos indígenas: *Barbados, Guanarés, Urubus*, entre outros (MACHADO, 1999, p. 27). Depois, com passar dos séculos, recebeu imigrantes de vários lugares, como Portugal, Síria e Líbano, e principalmente negros trazidos pelos colonizadores portugueses que com o fim da escravidão em 1888, muitos permaneceram na cidade, ou nos seus arredores formando comunidades quilombolas e contribuindo para a cultura e a identidade local e assim fortalecendo o povoamento da região e principalmente trabalhando nas instalações de indústrias têxteis e agrícolas. Em 1896, foi elevada à categoria de cidade:

A campanha da emancipação política do Município enraizou-se no sentimento do povo codoense. Tudo pronto para independência. A Vila passaria à condição de cidade. Bastaria que o Presidente do Estado sancionasse o diploma legal conferindo a Codó o galardão de Cidade (Ibidem, 1999, p.26)

Machado (1999, p. 26) narra que foi precisamente a partir da lei Estadual nº 133, de 16 de abril de 1896:

Art. 1º Fica desde de já elevada à categoria de cidade a atual vila de Codó.
Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário
Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da presente lei pertencerem que cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém. O Diretor da Secretaria do Governo a faça imprimir, publicar e correr.
Palácio do Governo do Estado do Maranhão, 16 de abril de 1896, 8º a República.

Alfredo da Cunha Martins (Ibidem)

A partir da leitura e do breve contexto histórico atenta de Machado (1999) sobre o povoamento da cidade permite compreender como se organizou o município desde sua formação como núcleo urbano até a instalação das casas cinematográfica, em especial do Cine Teatro São Luiz, que funcionou historicamente entre os anos de 1950 aos anos de 1990.

Nos depoimentos coletados por meio da *História Oral* mostram como a exibição de filmes criavam sociabilidades, hábitos, entre outras formas de interação social.

Desse modo, o Cine Teatro São Luiz na referida cidade possibilitava a mediação cultural como também tornava o Codó um importante centro cultural da Região do

.

Cocais Maranhenses¹⁸. E para isso foi feito o uso dos depoimentos orais com moradores que trabalharam e frequentaram a casa de cinema citada, na perspectiva de compreender como era a recepção e as sociabilidades entre o público que assistiram os filmes, tendo como foco principal o período das décadas de 1950 aos anos de 1990.

A cidade era muito pequena, praticamente todos se conheciam, notava-se e comentava sobre as pessoas que migravam para capital e grandes centros urbanos. Nesse período tinham poucos bairros, e contava-se as ruas que existiam no município e quase sem eletricidade e, sem água encanada, como descreve uma antiga filha da cidade a professora, poetisa, escritora, integrante fundadora do Instituto Histórico e Geográfico do Codó dona Judith Salazar filha de pais negros, cresceu e mesmo sem formação tornou-se professora e ajudou na educação de vários codoenses, além de poder contar boa parte da história da cidade num de seus romances favoritos que é escrever versos como o que segue abaixo.

Oh Codó terra bendita que nasceu e floresceu,
era um depósito de taipa veja como ele cresceu
era vila do urubu no tempo dos nossos avós
Hoje uma cidade linda Codó de todos nós
Codó foi cidade boa de gente civilizada
não tinha asfalto nas ruas as estradas eram esburacadas

Os portes eram no rio ou na estrada de ferro
Cavalo jumento e burro com gente e carga nas costas
Não tinha fogão a gás, era a lenha na treipe
Porque chapa só os ricos tinham

Água era das cacimbas
dos poços ou do rios
Não se tinha fossa nas casas
e o povo era sadio

Um vizinho era um parente
grande harmonia se via
Raiava-se com as crianças
e elas obedeciam

Ouro é ouro, prata e prata
valores diferenciados
Por isso que aqui os pobres
eram bem discriminados

Tinha baile na União
Casino e Centro Operário
No Guarapari só os ricos
os pobres discriminam

Os ricos vestiam brim
pobres vestia chita e riscado
Os ricos só mordomias

¹⁸ Região localizada ao leste maranhense que abrange 17 municípios: Afonso Cunha, Aldeias Altas, Buriti Bravo, Caxias, Codó, Coelho Neto, Coroatá, Duque Bacelar, Fortuna, Lagoa do Mato, Matões,

Parnarama, Peritoró, São João do Sóter, Senador Alexandre Costa, Timbiras e Timon (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO, 2015, p.01-02).

e os pobres seus empregados

Mas isso ficou para trás
lutamos pela igualdade
Agora pobres e ricos
Vivem sempre andam lado a lado

Prestigio e sabedoria
não é só coisa de rico
Pobre pode adquirindo
mais com muito
sacrifício

Pessoas que tem orgulho
olha sempre pra frente
Ergue os ombros e o nariz
por isso que pisam a gente

Aqui eu dou um conselho
que todos tem o seu valor
Só não concordo quando dizem
que todos somos iguais

Quem tem uma ampla visão
vê logo as diferenças
Uns são altos e outros são baixos
tenha fé nas providencias
Que até as aves e as plantas se nota as diferenças

Pra fazer verso em rima
precisa se de inspiração
Dependendo do momento
faço em toda ocasião

Minha mente é uma mina
que jorra a todo momento
Por isso eu faço verso
do passado, futuro e presente

Passado ficou para trás,
presente é o momento
E futuro é tudo aquilo que ainda vem pela frente
(SALAZAR, 2023)

Em suas primeiras décadas de emancipação a cidade de Codó esteve por muito tempo dividida pelo hoje poluído riacho Água Fria em que os moradores chamavam: Cidade Alta e Cidade Baixa como entrevistado Senhor Moraes, que se mudou para a cidade com um ano de idade, morou na parte baixa da cidade. E pôde acompanhar essa rica parte da história da cidade, como explica detalhadamente no relato abaixo.

Aí nessa época eu morava aqui no bairro São Pedro, e a divisão da cidade alta e cidade baixa lembro sim, na cidade abaixo aqui que tudo que acontecer em termos de futebol escola de samba, que na época não se chamava escola

de samba se chamava bloco de carnaval né, clubes de festa, dois clubes que existe na cidade de baixa aqui, Centro Operário e União Artística Operária

Codoense, em cima após o canal da Água Fria como nós conhecemos Água Fria que dividia a cidade e cidade alta cidade baixa né, na Cidade Alta existe o Guarapari que chamava-se Clube dos ricos em Codó, na cidade alta. Escola de samba, duas escolas de samba na cidade baixa a Academia do Samba pertencente ao sindicato dos arrumadores que se chamava Sindicato dos Estivadores, na Rua São Benedito que hoje é a Rua Doutor Anselmo né, e a parte de cima da cidade tinha outra escola de samba que chamava-se Estrela do Oriente até a hora de entrar na chamada passarela para desfilar, ela só podia entrar depois que a outra se apresentava no turno da tarde até chegar às 4:00 às 5:00 horas, a outra se apresentava já chegando para da a tradição que era Estrela do Oriente, [...]. (MORAES, 2023)

O entrevistado falou também como se organizavam os times de futebol amador e a rivalidade que ocorria no futebol, dando a noção da divisão sócio-econômica entre Cidade Alta e Cidade Baixa:

Clube de futebol, dois clubes que existiam na cidade, existiram outros, mas não foram a frente, mas ficou os dois tradicionais, um na Cidade Baixa, outra na cidade Alta, Cidade Baixa chamava-se Nacional e seu Reinaldo Zaidam recebeu, e deu continuidade. Na Cidade Alta existia o Fabril que pertence à família dos Archer que era patrocinador principal, [...], tudo era assim essa divisão entre um e outro, Nacional era o que mais levava os títulos, mas o Fabril sempre era o rival. Então na cidade de Codó o pessoal sempre dizia assim que “a cidade Codó é a cidade do já teve” e a cidade de Codó também já teve cinema né, teve cinema em Codó muito bom. Eu era uns dos que desde criança gostava de assistir, mas trabalhava na época pegava uma cesta de laranja ia vender, e ficava na porta do cinema esperando o filme começar [...], na praça que tem um cruzeiro assim na frente, bem ao lado tinha a churrascaria Naja’s, que pertencia aos mesmos proprietários de lá. (Ibidem)

Para nos fazer entender mais sobre Codó das décadas de 1950 a 1990, um dos propósitos desse trabalho é procurar conhecer historicamente do ponto de vista das sociabilidade o município nessa época. Entender como eram os costumes e as mentalidades da população no respectivo período. O senhor Júlio César Costa dos Santos, codoense que cresceu na rua Afonso Pena numa época em que ainda residiam varias casas de familias nela. Em seu depoimento expos como eram as regras de alguns locais de lazer da cidade. Ele enfatiza que eram bem rigorosas as normas nos referidos espaços, conforme observamos no depoimento abaixo:

O lazer na época em Codó, era as missas da igreja da matriz, as procissões, aqui nessa época as missas eram em latim, e as outras festividades eram os clubes que eram no Centro Operário Codoense, a União e o Guarapari, só que nessa época ai o Guarapari era o clube de elite, onde existia um racismo altíssimo aonde os negros não entravam, ai com certo tempo começou a entrar um negro que foi um dos primeiros a fazer parte, foi o Dicanor, baiano, mais aqui ele veio trabalhar na fábrica. E na União e no Centro Operário era interessante que homem não entrava sem meia, aí o pessoal quando chegava tinha que levantar a perna da calça pra mostrar que tinha meias, [...], as mulheres era o seguinte, se perdesse a virgindade ai que não entravam,

[...] Danças muito coladinho, não podia tinha que ser afastado um pouquinho. (COSTA, 2023)

Em entrevista da Senhora Maria Judith Dias Salazar nos fala detalhadamente como era historicamente a cidade, que outrora era dividida por um imponente riacho, que hoje encontra-se morto.

Nessa época era dividido pelo Riacho Água Fria e era dividido por cidade alta cidade baixa e não existia os bairros, [...] os rios ficavam pra lá (cidade alta) porque foi onde começou a fábrica de tecido, onde veio o Coronel Sebastião [...], e veio para cá como diretor da Fábrica de Tecido, quando iniciou a Fábrica de Tecido, minha mãe foi tecelã. E aqui era a Cidade Baixa dividido ali onde era o riacho Água Fria e hoje é um esgoto, mas ali antigamente era um riacho onde a gente tomava água, lavava roupa, pescava, a água era alvinha você enxergava os peixinhos nadando, e hoje virou um esgoto. [...] e naquela época existia mais respeito mais amor. [...] então nessa época a cidade era dividida pelo Riacho água fria, [...] época era poucas ruas, só umas dezoito ruas e as ruas não tinham o nome que tem hoje. [...], isso na década de 1950 (SALAZAR, 2023)

O cinema Cine Teatro São Luiz estava localizado na “Praça da Liberdade”, sendo um dos motivos deste trabalho, as sociabilidades no entorno desse cinema popularmente chamada até os dias atuais segundo os entrevistados.

A escolha da praça da Praça da Liberdade para implantação do cinema se deu por ser um dos locais mais frequentado da cidade na época, herança de uma época em que o município de Codó não tinha estradas, e era interligado com outras cidades pelo rio Itapecuru. As mercadorias que chegavam eram escoadas dentro da cidade e para outros municípios fazendo de Codó um importante centro financeiro do Maranhão. A partir dessa época, a rua Afonso Pena começou a se tornar um centro comercial e econômico até os dias atuais. Além das praças da Igreja da Matriz e a da Liberdade, locais onde os codoenses se reuniam para socializar. Como esclarece José Francisco Buzar filho do ilustrado Nagib Buzar que na época foi um dos grandes empresários da cidade, decedente de arábica chegou em Codó pelas embarcações que chegavam pelo rio Itapecuru e logo prosperou no comércio com a construção de usina que produziam arroz e algodão como pode ser visto abaixo.

Lá, ali era o ponto de referência, ali ficava bem central, tudo o que começa de Codó, todinho foi ali, por que as embarcações de Codó, naquela época a gente quase não tinha estrada, mais era pelo rio Itapecuru. As embarcações ficava ali em frente à praça da igreja, ali tinha um dock que chamava, era umas paredes de pedra, onde as lanchas ancoravam, quando não eram aqui como era perto da ponte. Ali tudim as lanchas ancoravam. E dali saiam as mercadorias para o comércio. A Rua Afonso Pena ali sempre foi a rua do comércio. A cidade alta quase não tinha nada, era mesmo só [...], na década de 1960 para 1970 foi que ela desenvolveu. O comércio todinho ficou pra lá (Cidade Baixa), ali era o point tinha uma churrascaria na década de 1960 para cá. (BUZAR, 2023)

A Praça Governador Archer tornou-se um dos maiores pontos de sociabilidade, para os moradores da cidade na época, identificado como o último lugar onde a população se encontrava para fugir um pouco da rotina puxada do dia-a-dia, podemos visualizar na imagem a seguir:

Imagem 13: Cruzeiro na Praça Governador Archer¹⁹



Esse importante centro de encontro e de aglutinadores codoenses são relatados pelos moradores da cidade. Nos depoimentos os frequentadores ressaltavam que a Praça Governador Archer proporcionava uma experiência de sociabilização extremamente agradável, como afirma o senhor Júlio César Costa dos Santos em depoimento abaixo:

Ali a partir das sete horas da noite vinha o pessoal dos bairros principalmente do alto, onde se concentravam na praça do cinema, dando uma volta as meninas arrodando o cruzeiro, enquanto outros ficavam no bar do Edson Bar, e outros no bar do seu Zé Beliche, ainda não existia churrascaria nesse tempo, e ficava-se concentrando-se ali enquanto começava o filme, começava oito horas em ponto, nove meia, dez horas terminava, também acabava o movimento da cidade todo mundo pra suas casas. (SANTOS, 2023)

¹⁹ Fonte: IBGE. Disponível em: < <http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=430744>>. Acesso em: 04 de jul 2023.

A cidade de Codó nas décadas de 1950 a 1960 ainda era pequena. Como opção de lazer que tinham para a época haviam apenas as festas religiosas, como os das padroeiras da cidade, os bailes nos clubes, e claro, que separados os da cidade baixa com os da cidade alta, e as praças, além do Cine São Luiz, como afirma o depoimento do senhor Francisco das Chagas Silva Moraes abaixo.

O lazer na cidade era por época, mês de janeiro era festejo São Sebastião padroeiro da Cidade Alta mas toda a sociedade fazia parte, então a população se preparava tinha arraial a maioria das festas de padroeiro era com arraial aí tinha um leilão, chamava atenção, todo mundo se preparava. Mês de fevereiro tinha um carnaval quando tinha o período. Mês de março no período do verão, aí já tinha aquelas festas dançantes nos clubes, tanto no Cento Operário Codoense, União Artística e Clube Recreativo Cultural Guarapari, os dois primeira da cidade baixo era para os sócios que morassem do lado de cá, já o Guarapari só entrava pessoa da elite que moravam na cidade alta, inclusive não tenho certeza mais pessoas de cor também eram proibidas de entrar. Mas com o cinema aumentou o lazer aqui na cidade, o cinema era tradição aqui na cidade de Codó [...], até a hora a gente já sabe, a tal hora ouvia se a voz, como a cidade era pequena, tal hora que ia começar o filme, [...], melhorou muito porque essas outras só aconteciam em determinado período do ano, já o cinema não era o ano todinho e mais quando vinha uma produtora trazendo filme novo, (ave maria) a cidade era um divertimento muito grande. (MORAES, 2023)

Por isso com a chegada do cinema Cine Teatro São Luiz na Praça Governador Archer, mais conhecida como “Praça da Liberdade” rapidamente fez com que essa praça se tornasse uns dois locais mais frequentados da cidade para encontros, troca de ideias, paqueras entre outras coisas. Como afirma uma de suas moradoras mais ilustres dona Luizinha que foi a criadora do hino, bandeira e brasão da cidade de Codó – Luiza Dalhy Alencar de Oliveira – relata um pouco sobre alguns desses antigos points no depoimento abaixo.

Aqui tinha dois points onde as pessoas estavam sempre né, era lá na praça da Liberdade à noitinha, noite antes da sessão de cinema que começava as vezes as oito horas, também e na estação todo mundo adorava ir na estação porque era trem de passageiro.[...], aos domingos tinha a missa na Igreja da Matriz, aí depois da missa subia as moças iam passear em roda, os rapazes ficavam ali paquerando em volta né, sempre parados os homens não passeavam não, as mulheres sempre passeavam se exibindo, as paqueras começavam ali. O Cine Teatro São Luiz estava localizado nas imediações da praça da Liberdade, e seu primeiro dono foi o senhor Jamil Murad, um dos grandes empresários da cidade na época (OLIVEIRA, 2023).

3.2 TOMADA 2: CINEMA CINE TEATRO SÃO LUIZ NAS DÉCADAS DE 1950 E 1990.

Para construir a história desse cinema nas décadas citadas foi utilizada a metodologia da História oral, por meio de entrevistas com pessoas que frequentam esse espaço cultural da cidade, além do público participante – cinéfilos – ressaltamos também a importância dos trabalhadores e funcionários do cinema como dona Maria Judith Dias Salazar que desde muito nova já trabalhava para o empresário senhor Jamil com o intuito de poder ajudar em casa , como era costume em sua época, esclarece em seu relato abaixo que esclarese um pouco mais sobre a vida do antigo dono do Cine São Luiz como era chamado carinhosamente pelos moradores.

Seu Jamil era uma pessoa muito rica aqui de Codó, ele tinha o cinema, ele tinha uma fábrica de sabão, ele tinha um beneficiamento de arroz, ele tinha um escritório, eu trabalhava de dia no escritório e a noite na bilheteria do cinema. Isso ali era um carcamano véi muito bom, quando era véspera de ano ou de natal, o meu serviço era só embrulha presente, por que só na casa dele ele tinha oito funcionários, pra cada pessoa ele dava um presente, se ele dava um sapato no natal, ele dava um vestido no primeiro do ano, pra mim e pra tudo quando que era de funcionário, ele era um bom chefe. (SALAZAR, 2023)

Em um prédio de uma arquitetura das décadas de 1940-50, o Cine Teatro São Luiz, localizado na Praça Governador Archer, tornou-se o cartão postal da cidade, conforme visualizamos na imagem abaixo:

Imagem 14: Cine Teatro São Luiz²⁰



O horário que o Cine São Luiz funcionava eram todos os dias, de segunda a sábado, seu funcionamento era noturno, muito por conta da rotina de trabalho da

²⁰ Fonte: IBGE. Disponível em: < <http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=430756> >. Acesso em 04 de maio.2023.

população frequentadora, e aos domingos tinham os vesperais para as crianças. O expediente da noite era voltado para seu público adulto, dependendo do número de espectadores, as exhibições dos filmes repetiam várias vezes durante da semana. como relata a antiga funcionária responsável pela venda do ingressos do cinema alem de auxiliar tanto na entrada como na saída dos clientes a senhora Judith Salazar.

Os dias de domingo ele funcionava à tarde, umas três, quatro horas era o vespéral que era as crianças podia assistir, aí sete da noite começava os filmes, a gente vendia os ingressos, daí o povo já ia entrando, o horário dependia de quantas partes o filme tinha oito se era dez partes. Funcionava todo dia, quando era domingo era estrelado um filme que ia passar pela primeira vez, aí segunda-feira repetia, terça era outro filme aí quarta repetia, quinta era outro aí sexta repetia, aí sábado passava outro, [...] um filme quando vinha pra cá passava duas vezes. Eu ficava vendendo ingresso, trabalhava na bilheteria, eu assistia era assim por exemplo domingo eu vendia os ingressos, aí quando a gente fechava as portas, e ia começar, fechava as cortinas e eu ia me senta lá dentro, aí eu assistia, aí quando tava pra terminar eu corria mais a outra que vendia bombons e nos abria as cortinas pro povo saia, aí no outro dia a outra que assistia por que eu já tinha assistido, aí eu ficava lá fora. [...]. lá tinha cinco funcionários eu na bilheteria, uma na bomboniere, o que botava os filmes pra roda e dois porteiros, lá eram cinco pessoas. (SALAZAR, 2023)

Os meios de divulgação dos filmes na época, eram na base dos cartazes colocados na fachada do cinema e também através das vozes que nada mais era do que grandes altos falantes instalados em pontos estratégicos, como afirma antigo morador o senhor Júlio César Costa dos Santos em seu depoimento.

Era em carro volante, ou então no próprio cinema que tinha quatro alto falantes todos girados para leste, oeste, norte e sul, pelo seu Niose, cartazes em frente ao cinema, grandes manuscritos pelo funcionário, colados na fachada, [...] o tamanho era de um metro e noventa, dois metros. (COSTA, 2023)

Os filmes que eram exibidos no Cine São Luiz, eram de gêneros bastante variados, desde filmes mudos a falantes, os gêneros: romances, ação, como os de *bang bang*, desconhecido a clássicos, como descrito pelo senhor Francisco das Chagas Silva Moraes abaixo.

Lembro demais dos filmes, o Bruce Lee era um dos mais, tinha os de comédia sempre passava nos trailers de comédia, Carlito o Charlie Chaplin, tinha filme mudo, os meninos gostava demais porque ele brincava com a quela bengalinha né, passava mais era nos vésperas que era mais era pra criança, agora esses filmes de ação mesmo, era só no turno da noite e era bom demais, Bruce Lee passou uma vida, Dragão Vermelho, na época a produtora Americana começou a jogar aqueles filmes do faroeste aqui no Brasil, e pegava, era bom demais era um divertimento. (MORAES, Francisco das Chagas da. entrevista concedida em: 28 de abril de 2023)

Tempos depois o Cine Teatro São Luiz, foi adquirido pelo Senhor Nagib Buzar, dono do Cine Olinda. Vale a pena ressaltar que antes do Cine São Luiz, Codó já teve outra casa de cinema, criada pelo empresário libanês Nagib Buzar, em uma tentativa de ampliar ainda mais seus negócios na cidade criou o Cine Olinda. Como observamos na fotografia a seguir:

Imagem 15: Fotografia Cine Olinda²¹



E, lá pela década de 1950-60 tentava rivalizar com o Cine São Luiz, porem não chegou a ser tão popular. Depois de alguns anos de disputa, foi perdendo as forças, até fechar as portas para ser transferido para outra cidade, como explica a dona Luisinha no trecho abaixo.

Eu frequentei, mas faz muitos anos que ele está inativo ne, mas eu quando o jovenzinho naquele tempo a gente só ia acompanhada com mãe e com pai, mas eu me lembro muito bem, assiste vários filmes lá no Cine São Luís, nunca cheguei a frequenta o outro cinema Cine Olinda pois quando eu comecei a frequentar cinema ele já estava perdendo as forças, dai seu antigo dono Nagib Buzar, quando adquiriu o Cine São Luís, transferiu o Cine Olinda para outra cidade, [...].(OLIVEIRA, 2023)

²¹ Fonte:IBGE. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=430756>>. Acesso em 04 de juho de 2023.

E, mesmo com a mudança de proprietário para o senhor Nagib Buzar, o Cine São Luiz, continuou funcionando a todo vapor, como afirma o senhor José Francisco Buzar, filho do novo proprietário, e que além de frequentar o estabelecimento também chegou a trabalhar na bilheteria no cinema.

O primeiro dono foi, é Jamil Murad, ai papai comprou o cine São Luiz na década de 1960, isso aí eu vi o meu pai, ele comprou por que já tava é morando aqui em Codó e o pessoal de Jamil Murad foram embora pra São Luís, e ele ficou com o Cine São Luiz. (BUZAR, 2023)

3.3 Tomada 3: OS PERSONAGENS ENTRAM EM CENA: CINÉFILOS CODOENSES.

O Cine Teatro São Luiz acompanhou a evolução de Codó durante todo o seu funcionamento, atualmente restrito apenas na memória dos que o frequentaram, por isso a história oral é muito importante para construir nossas fontes e poder assimilar esse fato histórico que foi a fixação do cinema na cidade, como nos relata o senhor José Francisco Buzar, empolgado com a força cultural que o Cine São Luiz exercia na população codoense, o entrevistado nos contou:

Meu pai foi que comprou o Cine São Luís na década de mais ou menos 1950-60 por ai. Eu cheguei a vender ingressos lá mais ou menos pela década de 1970. [...] quando eu era criança eu ia ao cinema para assistir filme lá, nossa tela era de 35 MM, era uma das melhores que tinha no Maranhão, não deixava a desejar em nada, muito boa nossa máquina era muito boa projeção perfeita, o cinema era grande mesmo, capacidade para seiscentos pessoas. [...] quando eu era criança o filme mais que eu assisti era bang bang, drama, comédia, ele meu pai comprou o cinema na mão do Jamil Murad que estava indo embora da cidade (BUZAR, 2023)

Vale ressaltar, que uma das características de pequenas cidades em formação nas décadas de 1950-60 no Brasil é a precariedade da eletricidade, e, em Codó não foi diferente, havia energia elétrica de forma rústica e precária na cidade, tanto que para poder manter o cinema funcionando entra em ação o tio de senhor Francisco Moraes, que trabalhava para o senhor Nagib Buzar, como relatado abaixo.

Inclusive meu tio casado com a minha tia, que na cidade de Codó não existia energia, para funcionar o cinema pra poder rodar a fita né na máquina tinha funcionar um tratorzinho pequeno 265 na época e meu tio ficava até chegar a hora de terminar o filme, funcionando o trator pra poder alimentar o gerador para poder ter energia e poder funcionar. (MORAES, 2023)

O Cine São Luiz representou um espaço social muito querido pela população

codoense, onde se divertiam entre eles, as exibições dos filmes os transportavam para um lugar lúdico, uma magia que a *sétima arte* pode proporcionar, como mencionado pelo senhor Francisco Moraes.

O cinema aumentou o lazer aqui na cidade, o cinema era tradição aqui na cidade de Codó [...], até a hora a gente já sabe, a tal hora ouvia se a voz, como a cidade era pequena, tal hora que ia começar o filme, [...], melhorou muito porque essas outras só aconteciam em determinado período do ano, já o cinema não era o ano todinho e mais quando vinha uma produtora trazendo filme novo, (ave maria) a cidade era um divertimento muito grande. (MORAES, 2023)

Ainda criança na década de 1960 o frequentador assíduo senhor Francisco Moraes nos explica com detalhes como fazia para adentrar no cinema e não perder as sessões vespertinas aos domingos.

A lembrança que tenho dessa época era que eu pegava uma cesta ia lá vender milho, vender laranja, sempre nos finais de semanas por que eu estudava e ia vender pro poder ter o dinheiro pra entrar, por que não era tão fácil não, aí eu já me preparava eu sempre estudei no centro da cidade, em escola pública né, eu já comprava para deixar pro final de semana, milho pro vespéral e eu ficava até sete da noite quando eu acabava de vender eu já tinha vendido e já tinha assistido o filme também já, chegava cedo pra quando começar o vespéral eu já ter o ingresso [...]. (MORAES, 2023)

Sem dúvida o cinema marcou de uma forma bastante positiva a vida dos codoenses fazendo com que mesmo depois de décadas ainda trazerem em suas memórias boas histórias que marcaram a passagem dessa casa de cinema na cidade de Codó. E, também nos fazendo entender como era o perfil dos moradores do município naquela época, como nos conta senhor Julio César Costa dos Santos ao compartilhar um de suas muitas lembranças no depoimento abaixo.

Teve uma vez que a gente assistindo o filme lá o pessoal ainda brabo né, quando escultava os sons da bala o pessoal se escondia debaixo das cadeiras. Mas teve um lance mais marcante, que alguém não sei por qual motivo fora do cinema jogou pisará de fora pra dentro e falou "o cinema tá caindo" aí foi um corre, corre danado mais foi alarme falso não aconteceu nada disso. (COSTA, 2023)

Muito mais do que assistir filmes, o ritual de ir ao cinema, significava um evento social, nessa época, a sociedade criava-se grande entusiasmo, por várias coisas que isso ali representava, encontro com os amigos, paqueras, desfilar o que era moda para época. E, claro que isso não tirava o foco principal que era as projeções dos

filmes. Como afirma dona Luisinha nos depoimentos abaixo ao falar dos filmes que várias vezes foi ao cinema para assistir.

Assistir várias vezes filmes lá e os filmes eram esses bang bangs, Charlie Chaplin, tinha filme mudo né, porque Charlie Chaplin era filme mudo na época né, tinha o filme Aviso aos Navegantes, filmes que qualquer pessoa, qualquer criança podia assistir que eu não tinha nenhuma cena..., A Paixão de Cristo. (OLIVEIRA, 2023)

Uma das características em particular marcante da casa de cinema da cidade era como acontecia a divisão das classes sociais em seu interior. Pois assim como a Codó era separado por cidade alta e cidade baixa, dentro do Cine São Luís também havia uma divisão de cadeiras, como explica dona Judith que chegou a trabalhar no estabelecimento, na bilheteria e ajudava na hora dessa divisão.

À sociedade que frequentava o cinema naquela época, era mais os que tinha condição. tudo frequentava os pobres frequentavam mais a segunda, que a segunda entrava pela porta [...]. tinha a primeira, que era as primeiras classes das cadeiras aí o pessoal pagava mais, pagava uma taxa, eu pagava só uma tochazinha entrava por outra porta e ficava mais perto ali da tela do cinema, aí era a primeira e a segunda e eu que vendia o ingresso tanto do primeiro como da segunda. (SALAZAR, 2023)

Importante ressaltar como foi falado anteriormente, que o interior do cinema Cine São Luiz era um reflexo da divisão de classe social que já existia na cidade naquele período, quando a cidade era dividida por Cidade Alta e Cidade Baixa. Essa divisão já começava pela porta de entrada do cinema, como afirma dona Darly Costa que assim como a dona Judith também trabalhou na casa de cinema, na parte do bomboniere, como relata no depoimento abaixo.

Tinha uma divisão lá dentro, tinha o geral, era embaixo [...] tinha uma espécie de peitoril aí as pessoas entravam de lado, [...] e o pessoal de mais condição ficava nessa parte de cima, por que era dividido. Eu trabalhei no cinema vendendo aquela bomboniere, lá tinha um balcãozinho, aí eu trabalhei uns dois meses, mas eu briguei com seu Jamil Murad que era dono do cinema. Seu Jamil Murad, ele era um carcamano, [...]. Eu trabalhei lá das sete até umas dez horas, daí quando acabava os filmes eu saía, eu ia me embora. Eu tralhei lá só dois meses, eu tinha quatorze anos nessa época. (COSTA, 2023)

Com o passar dos anos e o surgimento de novos aparatos tecnológicos como a televisão, influenciou de forma negativa na trajetória dessa casa de lazer da cidade, explanado pelo senhor Júlio César Costa dos Santos em seu depoimento:

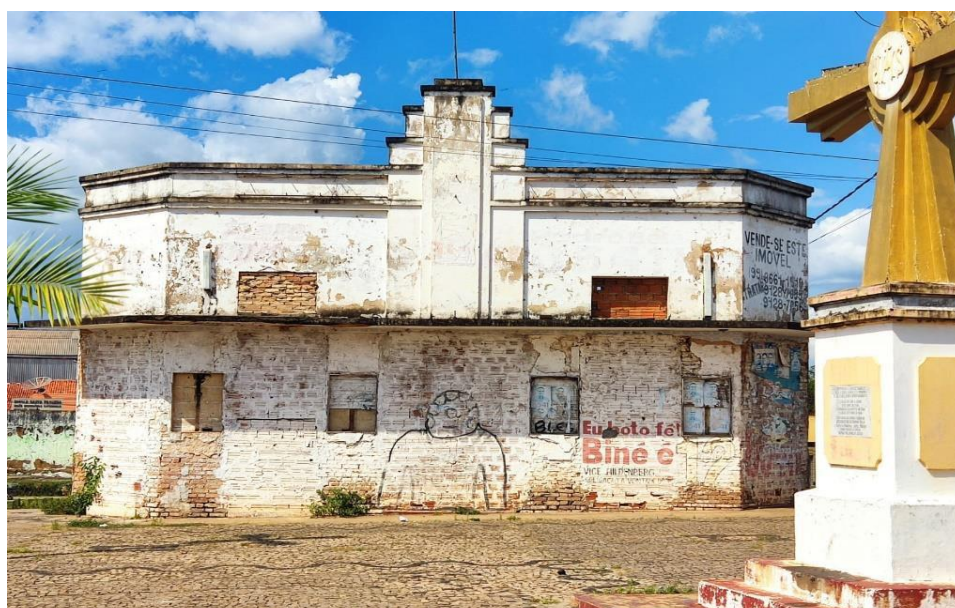
Olha o cinema aqui como tinha em outras cidades, como tinha em Bacabal o Cine Kenedy, em Caxias em Coroatá outros lugares também, eles fecharam por causa da evolução da tecnologia através da televisão, então todo mundo começou a ficar em casa, ficar em casa, tanto que fechou cinema foi no Brasil todo, depois que voltou com o tempo através dos shoppings, [...] (SANTOS, 2023)

Assim como também podemos observar no depoimento do senhor José Francisco Buzar, filho do último dono que o estabelecimento teve antes de fechar suas portas, ao falar sobre os motivos que levaram o fim da casa de cinema que outrora foi um dos maiores poetas de Codó.

A televisão contribui muito. Dai nós vendemos o cinema para a Igreja Universal, o prédio, aí teve um problema com a prefeitura. Que eles queriam que mantivéssemos o prédio do mesmo jeito, e a Igreja Universal, eles tem um padrão, aí depois eles venderam para o Joaquim Belo que é o dono hoje é o Joaquim Belo. o Cine São Luís durou até os anos 2000, [...], já muito, muito raramente movimentada coisando (acabando), ai veio vídeo cassete, a televisão desenvolveu muito (BUZAR, 2023).

Apesar de ter proporcionado lazer para os codoenses. E de uma forma positiva ter sido um marco na história da cidade, infelizmente se faz valer um ditado antigo na cidade que diz que “Codó é a cidade do já teve” e assim como as escolas de samba, clubes de futebol e de festa. O cinema também já não existe mais e hoje o que podemos vêr são apenas as ruínas daquilo de um dia que trouxe grande cultura, divertimento e avanço para a cidade.

Imagem 16: Cine Teatro São Luiz atualmente²²



²² Fonte:Francisco I. Medeiros Silva Acesso em 17 de julho.2023.

O Cine Teatro São Luiz foi abandonado pelo poder público, atualmente o prédio encontra-se em ruínas, o que um dia foi um maior ponto de encontro de sociabilidades e lazer de Codó. O prédio é tombado pelo patrimônio histórico mas não fizeram nenhuma restauração.

Realmente pode-se perceber o quão grande foi valor que esse estabelecimento teve em nossa cidade, representando um grande desenvolvimento no âmbito tecnológico e social entre outros, cheio de vivências de pessoas que frequentaram e que participaram de alguma maneira desse local de sociabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos maiores problemas de países subdesenvolvidos é justamente o descaso com suas próprias histórias, se pararmos para pensar quantas histórias os casarões, armazéns, ruas e praças tem para contar, mas que foram deixadas para traz.

Por isso, este trabalho teve a finalidade de estudar o antigo cinema da cidade de Codó, Cine Teatro São Luiz na praça da Liberdade, enquanto espaço de lazer e sociabilidade para a população durante as décadas de 1950 a 1960. Buscando entender, a partir de memórias de antigos moradores codoenses que o frequentaram, o que esta casa de cinema representou para a sociedade da época, assim como suas contribuições para o lazer deixadas na comunidade naquele momento.

Do Cine Teatro São Luiz, hoje existe apenas suas ruínas, que está localizado na Praça da Liberdade, sendo o tema de minha pesquisa as sociabilidades no entorno dos mesmos. A monografia apresentou como resultado o grande impacto social da casa de cinema, Cine Teatro São Luiz na cidade Codó no período entre as décadas de 1950 a 1990. Demos ênfase na implantação da casa de cinema como forma de sociabilidades nas décadas citadas acima. Abordamos por meio de depoimentos orais as formas de lazer e entorno do público participante do Cine São Luiz e frequentadores da praça da Liberdade.

Pretendemos com esse trabalho documentar uma pequena parte do acervo histórico e cultural da cidade de Codó e fazer com que essas histórias permaneçam viva para sua população e também futuros historiadores. Pois são essas memórias históricas que enriquecem ainda mais as identidades de nossa cidade, e assim como outras devem ser registradas para posteridades.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre Práticas e Representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. DIFEL, 2002.

CODATO, Henrique. **Cinema e representações sociais**: alguns diálogos possíveis. Verso e Reverso, vol. XXIV, n. 55, janeiro – abril, 2010. P. 47- 56.

DAVSON, Felipe Pereira da Silva. **O cinema como fonte histórica e como representação social**: alguns apontamentos História Unicap, v. 4 , n. 8, jul./dez. de 2017

DOMINGUES, Claudio Moreno Domingues. **O olhar de quem olha**: cultura visual, arte e mediação na aula de história – o uso da imagem na construção do conhecimento histórico. São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista.

DOSSE, François. **A História a prova do Tempo**. São Paulo: UNESP, 1999.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1992.

GOFF, Jacques Le. **História e Memória**. 5ª ed. – Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

JORNAL DO BRASIL. Entrevista do senador José Sarney, 25 de agosto de 1981.

MACHADO, João Batista. **Codó**, Histórias do fundo do bau. São Luís-MA: FACT/UEMA, 1999.

MATOS, Marcos Fábio Belo, Os Prmeiros Filmes Maranhenses

Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA, Secretaria do Desenvolvimento do Territorial. **Perfil Territorial**. Elaboração: CGMA, Caderno Territorial, nº 034, Cocais – MA, maio/ 2015. Disponível em:< http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_034>. Acesso 18 de abril de 2023.

NAPOLITANO, Marcos. **A História depois do papel**. In: PINSKY, Carla Bassanezi, (org.). Fontes Historiográficas. — 2ª.ed., 1ª reimpressão.— São Paulo: Contexto, 2008.

NAVARRETE, Eduardo. **O cinema como fonte histórica**: diferentes perspectivas teórico-metodológicas. In: Revista Urutágua – revista acadêmica multidisciplinar – DCS/UEM – ISSN 1519-6178 Nº 16 – ago./set./out./nov. 2008 – Quadrimestral – Maringá – Paraná – Brasil

PEREIRA, Lara Rodrigues. **Cinema como Fonte para a escrita da História e seu ensino escolar**: reflexões e possibilidades. In: Cordis. História e Cinema, São Paulo, n. 15, p. 38-47, jul/dez. 2015. ISSN 2176-4174.

ROCHA, Glauber. Entrevista - **Maranhão 66, um documentário de Glauber Rocha**, 1981. In: Diálogos do Sul. Disponível em: <<https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/brasil/50731/maranhao-66-um-documentario-de-glauber-rocha>>. Acesso em: 14 de abril de 2023.

THEBAS, Isabella. **A Origem do Cinema**. In: Instituto do Cinema (S/d). Disponível em: <<https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/a-origem-do-cinema#:~:text=No%20s%C3%A9culo%20XIX%2C%20muitos%20aparelhos,resultando%20na%20ilus%C3%A3o%20de%20movimento>>. Acesso em. 22 de nov.de 2020.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

XAVIER, Ismail. **O cinema brasileiro moderno**. São Paulo: Paz e Terra, 2001 (Coleção Leitura).

Fontes Orais

Darly Costa dos Santos. Entrevista cedida em 14 de junho de 2023

Francisco das Chagas Silva Moraes Entrevista cedida em 28 de abril de 2023

Luiza D'Ihy Alencar de Oliveira Entrevista cedida em 24 de abril de 2023

José Francisco Béliche Buzar Entrevista cedida em 01 de maio de 2023

Júlio Cesar Costa dos Santos Entrevista cedida em 14 de junho de 2023

Maria Judith Dias Salazar Entrevista cedida em 26 de abril de 2023

Sites Pesquisados

Fonte: XINHUA Português. Disponível em: <http://portuguese.xinhuanet.com/2019-02/15/c_137819854_3.htm>

Fonte: Guaratuja Fotografia. Disponível em: <<http://garatujafotografia.blogspot.com/2013/07/camara-escura-o-inicio-de-tudo.html>>.

Fonte: APOGEU DO ABISMO - FRANZ LIMA. Disponível em: <<http://apogeudoabismo.blogspot.com/2013/10/conhecamos-o-fenaciscopio-o-precursor.html>>

Fonte: HISTÓRIA DA ANIMAÇÃO CUL-OUT. Disponível em: <<https://johannescutout.weebly.com/blog/pranxinoscope-charles-emile-reynaud>>.

Fonte: Efeceterra o Efe e de fotografia. Disponível em. <https://efecetera.com/historia-da-fotografia-2/etienne-jules-marey-e-a-cronofotografia/>.

Fonte: Animação. Disponível

em. <<https://mariaeusebio12av1.wordpress.com/historia/brinquedos-opticos/cinetoscopio/>>

Fonte: Instituto de cinema SP. Disponível em

<<https://institutedecinema.com.br/mais/conteudo/a-origem-do-cinema>>

Direção: Steve McQueen (II) Roteiro John Ridley Elenco: Chiwetel Ejiofor, Michael Fassbender, Benedict Cumberbatch Título original 12 Years a Slave.

In: Adoro Cinema. 12 anos de Escravidão. Disponível em: <

<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-196885/>>.

Fonte: Governo do estado do Maranhão. Disponível em <http://governoma.blogspot.com/2013/05/teatro-arthur-azevedo-celebra-196-anos.html>.

Fonte: História e Historiografia do RS. Disponível em

<<https://historiaehistoriografiadors.blogspot.com/2019/10/a-primeira-apresentacao-do-bioscopio.html>>

Fonte: Brasil de Fato. Disponível em.

<https://www.brasildefato.com.br/2020/08/23/artigo-morto-ha-39-anos-glauber-rocha-pavimentou-a-utopia-no-cinema-brasileiro>.

Fonte: Plano Critico. Disponível em. <https://www.planocritico.com/critica-maranhao-66/>.

Fonte: Diálogos do Sul. Disponível em.

<<https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/brasil/50731/maranhao-66-um-documentario-de-glauber-rocha>>

Fonte: IBGE. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=430744>.

Fonte: IBGE Fotografia Cine Olinda

ANEXO

CARTA DE AUTORIZAÇÃO E USO DAS ENTREVISTAS

Eu, Darley Costa dos Santos, estado civil, viúva, documento de Identidade 03 807 844 2009-7, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, transcrita e autorizada para leitura para entidade e pessoas usa-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros e ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle à instituição que tem guarda da mesma.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá minha firma reconhecida em cartório.

Codó (MA), 14 de junho de 2023

Darley Santos

Assinatura

CARTA DE AUTORIZAÇÃO E USO DAS ENTREVISTAS

Eu, Luiza Rilly Pereira de Oliveira, estado civil, casada, documento de Identidade 031.963.443-20, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, transcrita e autorizada para leitura para entidade e pessoas usa-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros e ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle à instituição que tem guarda da mesma.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá minha firma reconhecida em cartório.

Codó (MA), de de 2023

Luiza Rilly Pereira de Oliveira

Assinatura

CARTA DE AUTORIZAÇÃO E USO DAS ENTREVISTAS

Eu, Francisco das Chagas da Silva Moraes, estado civil, Solteiro, documento de identidade 057484842015-7, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, transcrita e autorizada para leitura para entidade e pessoas usa-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros e ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle à instituição que tem guarda da mesma.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá minha firma reconhecida em cartório.

Codó (MA), de de 2023

Francisco das Chagas da Silva Moraes

Assinatura

CARTA DE AUTORIZAÇÃO E USO DAS ENTREVISTAS

Eu, JOSE FRANCISCO BÉLICHE BUZAR, estado civil, CASADO, documento de Identidade 22410002002-0, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, transcrita e autorizada para leitura para entidade e pessoas usa-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros e ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle à instituição que tem guarda da mesma.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá minha firma reconhecida em cartório.

Codó (MA), de de 2023

Jose Francisco Beliche Buzar

Assinatura

CARTA DE AUTORIZAÇÃO E USO DAS ENTREVISTAS

Eu, Liliv César Costa dos Santos, estado civil, casado, documento de Identidade 088324832009-0, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, transcrita e autorizada para leitura para entidade e pessoas usa-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros e ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle à instituição que tem guarda da mesma.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá minha firma reconhecida em cartório.

Codó (MA), 14 de junho de 2023


Assinatura

CARTA DE AUTORIZAÇÃO E USO DAS ENTREVISTAS

Eu, Maria Judith Dias Salazar, estado civil, Viúva, documento de Identidade 032028188694-3, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, transcrita e autorizada para leitura para entidade e pessoas usa-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros e ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle à instituição que tem guarda da mesma.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá minha firma reconhecida em cartório.

Codó (MA), de de 2023

Maria Judith Dias Salazar

Assinatura